

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

4



CORTA BRAÇO

Está de volta o romance que retrata
o drama das invasões em Salvador



CORTA BRAÇO é um relato dramático da luta pela moradia na cidade de Salvador nos anos 40. Lançado agora em segunda edição, CORTA BRAÇO trata de um tema que continua polêmico e atual, narrado com a sensibilidade do jornalista e escritor ARIovaldo MATOS.



ARIOVALDO MATOS é autor também de:
"A Dura Lei dos Homens",
"Últimos Sinos da Infância",
"Os Dias do Medo"
e vários textos teatrais
consagrados nacionalmente.

Preço de lançamento:
Cz\$2.800,00

Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá do mais importante na liturgia do candomblé, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois ele é malicioso e arrelento, não sabe estar quieto, gosta de confusão e de aperreio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada.

Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tanguado pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso.

Exu come tudo que a boca come, bebe cachaça, é um cavalheiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por tudo isso sincretizaram-no com o diabo; em verdade ele é apenas o orixá em movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão mas, no fundo, excelente pessoa. De certa maneira é o Não onde só existe o Sim; o Contra em meio do a Favor; o intrépido e o invencível. Toda festa de terreiro começa com o padê de Exu, para que ele não venha causar perturbação. Sua roupa é bela: azul, vermelha e branca e todas as segundas-feiras lhe pertencem.

Jorge Amado

(Textos extraídos do livro "Bahia de Todos os Santos - guia de ruas e mistérios")



EXU: Escultura de Tati Moreno

4

maio junho 1988

Coordenação Editorial: Claudius Portugal
Conselho Editorial: Myriam Fraga (presidente),
Antonio Risério, Fernando da Rocha Peres,
Florivaldo Matos, James Amado,
João Jorge Amado, José Carlos Capinan,
Paulo Tavares,
Wilson Lins;
Criação Original: D & E;
Fotografia: Waldir Pinheiro;
Diagramação: Humberto Vellame;
Composição, Fitolito e Impressão:
Empresa Gráfica da Bahia



Exu é uma publicação bimestral da
Fundação Casa de Jorge Amado
Largo do Pelourinho s/n, Salvador,
Bahia, CEP 40025, Tel.: 242-0075.

Os conceitos emitidos em artigos assinados
são da responsabilidade exclusiva de seus autores.
Os originais não serão devolvidos.

Publicação de acordo com a Lei Federal
n. 7505/86 (Lei Sarney).

Correspondentes: Adalmir da Cunha Miranda,
José Paulo Paes, Ricardo Ramos (São Paulo)
Afrânio Coutinho, Antonio Torres, Eduardo
Portella, Fernando Sabino, Mário da Silva Brito, Rubem
Braga, Bella Jozef (Rio de Janeiro), Paloma Amado
Costa (Brasília), Nadia Gottlieb, Oswaldo França
Júnior (Minas Gerais), João de Jesus Paes Loureiro
(Pará), Marcus Acyolli (Pernambuco), Sérgio de
Castro Pinto (Paraíba), Janaina Amado (Goiás),
Antonio Holthefeldt, Armindo Trevisan, Danilo Ucha
(Rio Grande do Sul), Haydée Jofre Barroso, José
Maria Paolantino (Argentina), Isabel Allende
(Venezuela), Gustavo Bustamante (Colômbia),
Miguel Bustos Cerecedo (México), Gregory Rabassa,
John Dwyer, Nancy Baden, Richard O'Connell, Tomas
Colchie (Estados Unidos), Alice Rayard, Francis
Combes, Jean Orecchioni, René Depestre (França),
Dario Puccini, Luciana Stegano Picchia (Itália), Álvaro
Salema, Fernando de Assis Pacheco, José Carlos de
Vasconcelos, Luiz Forjaz-Trigueiros, Nuno Lima de
Carvalho, Francisco Lyon de Castro (Portugal),
Xela Arias (Espanha), António Olinto (Inglaterra), Theodor Popoff (Bulgária), Pavla Lidmilová
(Tchecoslováquia), Kostas Assimacopoulos (Grécia), Jorge Kaluguim, Vera Kuteichicova (URSS),
Jorge Alfama (Cabo Verde), Luandino Vieira (Angola), Rui Nogar (Moçambique), Osamu Kumasiro (Japão).

Capa: Fálco EXU
de Emanuel Araújo

Foto de Mário de Andrade

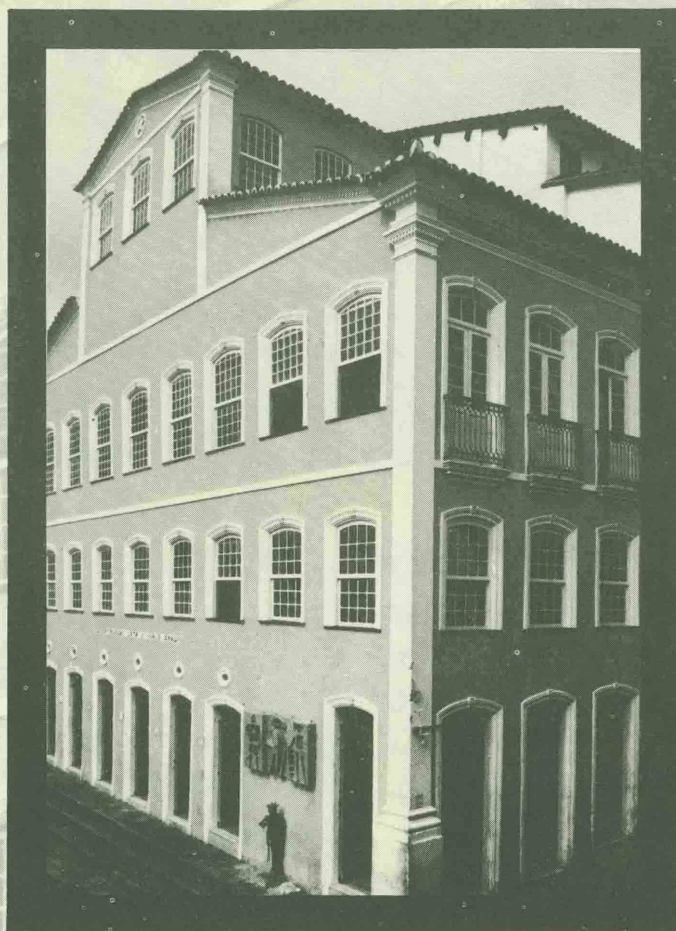
- 3
CARVALHO FILHO
- entrevista
- 8
ZÉLIA GATTAI
- 10
MYRIAM FRAGA
- 12
ANTÔNIO TORRES
- 14
JAMISON PEDRA
HELOISA PRAZERES
- 19
RICHARD O' CONNELL
- 20
JORGE AMADO
- 22
NIVALDA COSTA
- 23
JOLIVALDO FREITAS
- 26
JANE KÁTIA BADARÓ
- 29
LILIAN PESTRE
DE ALMEIDA
- 37
LUIZA VIANNA
- 38
MEMORIAL
PEDRO CALMON
- 40
Registro

Poster

Pintura de
Jenner Augusto

Texto: Claudius Portugal





Fundação Casa de Jorge Amado

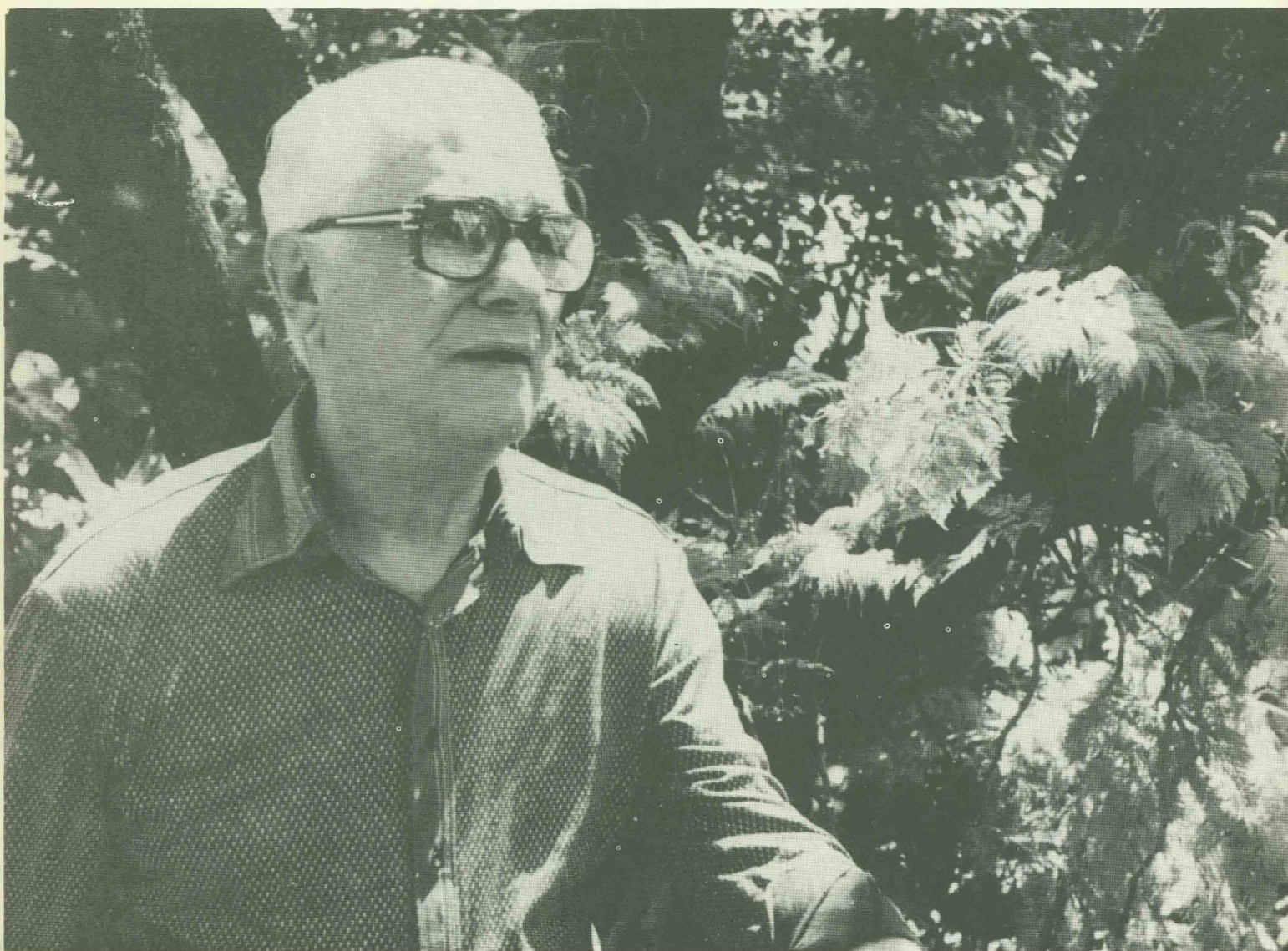
Presidente: Germano Tabacof / **Diretor Executivo:** Myriam Fraga

Conselho Curador: Alfredo Machado / Antonio Celestino / Calasans Neto
Carlos Fraga / Carybé / Germano Tabacof / James Amado
João Jorge Amado / Joelson Amado / Mirabeau Sampaio / Paloma Amado Costa
Paulo Tavares / Zélia Gattai Amado / Zitelman de Oliva.

Conselho Fiscal: Ernesto Widmer / Floriano Teixeira / Jorge Lins Freire
Lafayette Pondé Filho / Renato Antonio Martins.

Mantenedores: Construtora Norberto Odebrecht S.A. / Banco Econômico S/A
Companhia Brasileira de Alumínio — Grupo Votorantim
Consórcio Andrade Mendonça Suarez / Dmeval da Costa Chaves Cia. Ltda.
Editora Record / Fundação Cultural Nestlé / Nacional Iguatemi Empreendimentos S/A
Transguarda / Nitrocarbônico / Construtora Mendes Júnior
Sindicato da Indústria Petroquímica e Resinas Sintéticas no Estado da Bahia-SINPER
Jean Luc Lagardère / Construtora Andrade Gutierrez S.A / Fundação Banco do Brasil

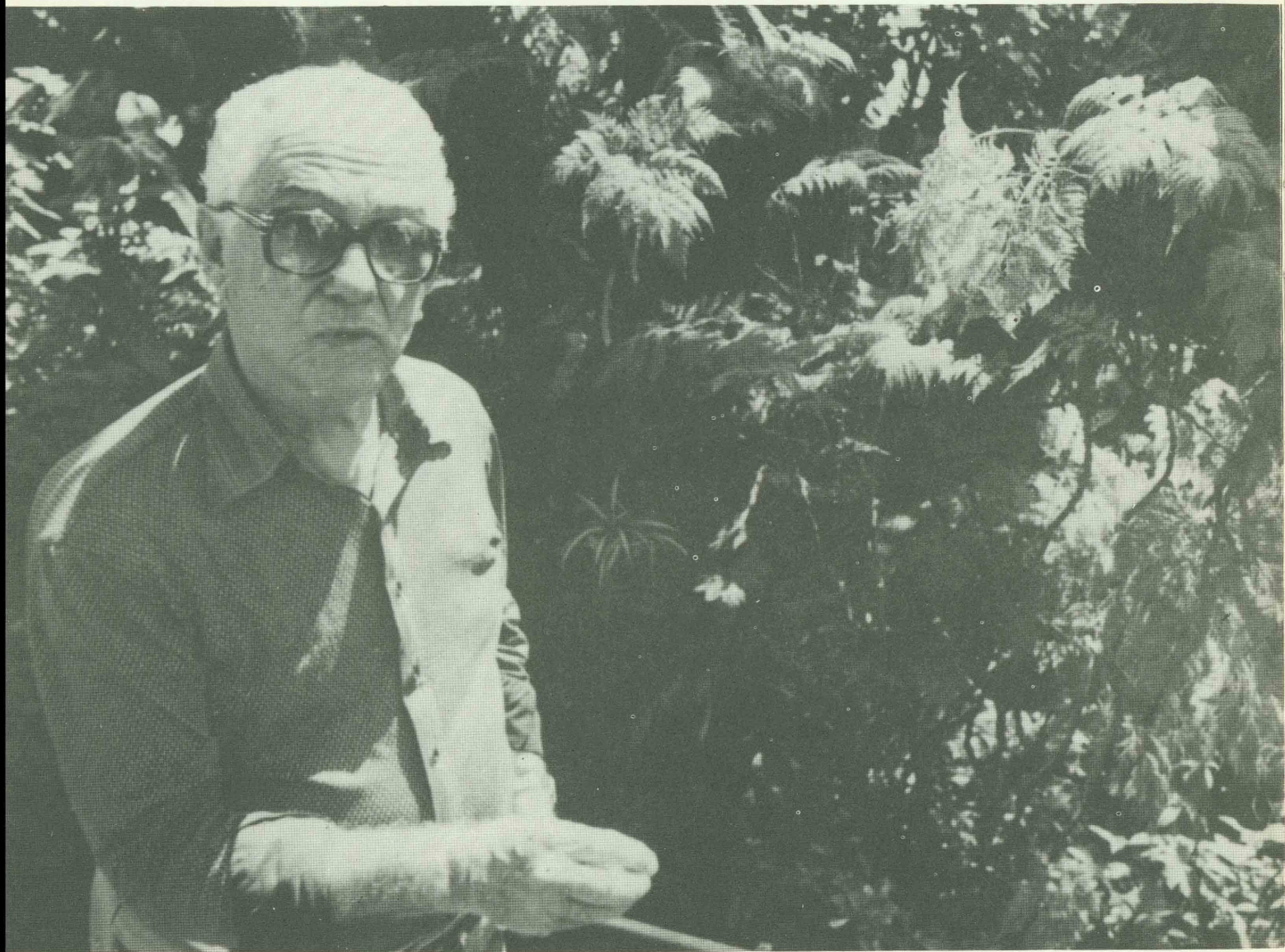
Entidades Conveniadas: Secretaria da Educação do Estado da Bahia
Secretaria da Cultura / Fundação Cultural do Estado da Bahia.



Carvalho Filho

A afirmação é taxativa: literatura para mim é sensibilidade. Assim, Carvalho Filho, poeta, repetiu várias vezes nesta conversa que teve a participação de Waldomiro Santana e Myriam Fraga, para este número da EXU. E foi mais além, ao falar do modernismo, da sua trajetória, dizendo: toda obra artística autêntica é ditada pela sensibilidade, e é desta palavra, por demais utilizada para expressar a poesia, que ele sente até certo ponto, como inconsciente, vindo de onde a gente não sabe da onde, para a sensibilidade, a literatura, arte da palavra, tema principal desta entrevista.

Carvalho Filho



Eu nasci aqui em Salvador, na Rua Direita da Piedade, em 11 de junho de 1908. Meu pai foi José Luiz de Carvalho. Minha mãe, Julieta Freire de Carvalho. Fiz curso primário no Colégio Antonio Vieira, secundário no Colégio da Bahia, hoje Colégio Central, e o curso de Direito. Formado, fiz carreira no Ministério Público.



P — Data desta época então a sua transferência para o interior do estado?

R — Sim. Fui para Una, estive em Mata de São João e, depois, vim para a capital. Aqui fiz a carreira toda no Ministério Público. Promotor de Justiça do Interior, Procurador. No Governo de Luiz Viana Filho fui Secretário de Justiça. Posteriormente, com uma vaga no Tribunal de Justiça a ser preenchida por membros do Ministério Público, tornei-me Desembargador, onde fiquei oito anos.



P — Paralelo a isto, teve o lado de professor.

R — O professor foi um acidente. Organizou-se aqui a Faculdade Católica de Direito e eu fui convidado. Parti-

Poema

Ver e contemplar.
Sentir e amar.
Sofrer e meditar.

Que o rumor das palavras irreveladas
e a luz amorfa
das lágrimas contidas
sejam voz morta sem vestígio
quando o azul do tempo baixar.

E que do ser extinto
em fundo de raízes e de cristais
e só reste a memória indefesa
do signo silencioso da procura
da verdade
no chão de cinza pura
da tristeza.

O Tempo no Tempo

Segundo
a
segundo
o
tempo
reflui
a
si
mesmo
em
proteção
ao
próprio
espírito
do
tempo.

Azul e Tempo

O tempo é azul.

O tempo é azul no mar.
O tempo é azul na infância.
O tempo é azul no sono.
No sangue o tempo é azul.
Nas raízes o tempo é azul.
No amor o tempo é azul.

O tempo é azul no deserto.
O tempo é azul na solidão.
Na noite o tempo é azul.
No útero o tempo é azul.
O tempo é azul na semente.

O tempo é azul no sonho.
O tempo é azul na memória.
O tempo é azul na loucura.
O tempo interior dos cegos é azul.
O tempo é azul na esperança.
O tempo é azul no silêncio.
O tempo bíblico é azul.
Na alma o tempo é azul.
O tempo dos mortos é azul.

O tempo é azul.

cipei da sua organização e tornei-me professor. Fiquei lá muitos anos. Quando me afastei do Tribunal, por idade, também me afastei da Universidade. Queria ficar em casa. Achava que a minha missão já estava cumprida e queria ficar em casa lendo o que gosto, fazendo o que gosto. É o que faço até hoje.

 **P — E a literatura? Quando ela entra na sua vida?**

R — Eu atribuo isto ao fato de meu pai gostar muito de ler. Até hoje tenho livros dele — Eça de Queirós, Ramalho, primeiras edições. Ele gostava muito de ler. Os sábados e domingos eram tirados para isto. Aquilo me chamou atenção. Mas isto também me chamou atenção para o fato de poder escrever, de poder criar alguma coisa. Com o conhecimento da Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 22, apesar de chegar aqui com um certo atraso, porque naquele tempo não tinha televisão, rádio, não tinha nada. A notícia eram os jornais, mas eles chegavam aqui com 15, 20 dias depois. A comunicação vinha toda de navio, navio de cabotagem, navio de passageiro. De maneira que os jornais do sul chegavam muito atrasados. Mas, mesmo assim, tínhamos noção do que se passava por lá. Assim, estes dois fatos, a leitura de meu pai e a Semana de Arte Moderna, me fizeram entrar para a literatura, o que não me arrependo, porque hoje,

posso dizer, todas as minhas indagações diante da vida, do destino, da morte, de tudo, eu encontrei respostas para elas na literatura. Nesta está o meu prazer como maneira não de viver, mas como maneira de existir, que é outra coisa. A existência é nossa vida interior. De maneira que a literatura me satisfaz muito neste ponto — da minha vida interior. Eu sempre guardei meu tempo para ler e para escrever. Agora, aos 80 anos, reuni essas coisas todas e publiquei num livro, em edição particular, para distribuir aos amigos.

 **P — De quando é o seu primeiro livro?**

R — 1928. Tinha 20 anos de idade. Portanto, é um livro escrito entre os 18 e 19. Agora, numa notinha, eu disse que esse livro incluía nas minhas obras por respeito a alguma coisa que fiz. Apesar disto reescrevi, respeitando o conteúdo. Era um menino que não sabia dizer o que sentia, agora, com a calma, de noite, reescrevi.

 **P — E a vida literária da Bahia em todo este período. O que acha dela?**

R — Eu nunca participei da vida literária, porque eu acho que a vida literária é a negação da literatura. Há muita intriguinha, muito disse não disse. Sei que cada um quer se afirmar

dentro de seu temperamento. Mas eu acho que o sujeito se afirma trabalhando. Se é um escritor, escreve e deixa aí. Os amigos aplaudem, os inimigos fustigam, mas isso tudo desaparece. O tempo é que julga. Daí que esse negócio de arte é uma coisa maravilhosa. Mas eu acho que o verdadeiro é a gente viver dentro de si. E isto é fazer o que o sangue da sensibilidade dita. Daí que falei anteriormente que dou mais importância a sensibilidade que a inteligência. A inteligência é meio cupim, a inteligência destrói. A sensibilidade não. A sensibilidade cria. E isso é que é o essencial. É você deixar de si o que você é. Se vale, não adianta negar. Se não vale, não adianta elogiar, não é?

 **P — Mas quais são as diferenças que mais lhe chamam atenção na literatura feita hoje e a do seu tempo? Do Modernismo?**

R — Eu creio que a verdadeira intenção do modernismo brasileiro foi desvirtuado. A intenção maior, a intenção central, a intenção essencial foi desvirtuada.

Carvalho Filho

IV — O Espelho

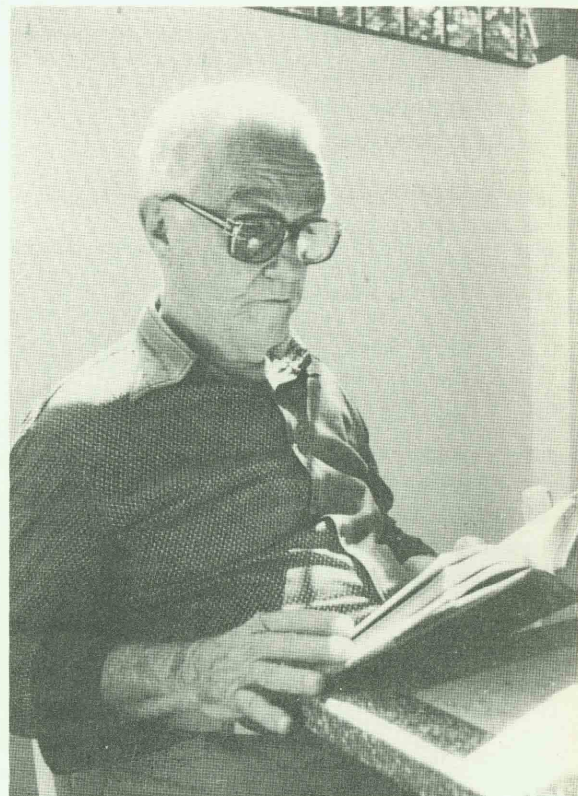
No espelho a mulher vestida que se contempla
está nua.

Lúcida medita diante do ser múltiplo.

E vê em si, refletidos, seios
estranhos, ventre que desconhece
e olhos que não são os seus sem ânimo
para enfrentar os próprios olhos humanos.

Na claridade retida pela superfície de cristal
há paisagens que a criatura traída ignora:
o muro de árvores hirtas
que cabeças mortais coroam,
tronco solitário sombreando o caminho
que o mirante limita,
ninguém na claridade.
E outras, raras.

Até os pássaros fugiram de asas em desespero
temendo a assombração da beleza.



 P — Que intenção era essa?

R — Era a criação de uma literatura nitidamente brasileira, sem esquecer que a literatura é o homem, a busca do homem, o conhecimento do homem, a revelação que o homem faz de sua vida interior, de seus mistérios, de seus abismos. O modernismo queria dar um sentido brasileiro à literatura. Apesar da literatura ser uma coisa só.

 P — Esse leitor que começou cedo, como está hoje? Ele acompanha a literatura feita atualmente?

R — Para a curiosidade sempre há tempo, não é? Estou sempre atento para a literatura, não só a brasileira, como também até onde posso, a francesa. Aqui na Bahia é muito difícil encontrar livro francês. Quanto a literatura brasileira, no momento, eu acho que ela está como nós estamos politicamente. Estamos a procura de um destino e não temos destino.

Antípoda

O que eu amo não me ama:
laje nua e dor antiga.

O que eu sonho não me sonha:
terra e sal, silêncio e cinza.

O que eu vejo não me vê:
hera astral, mansa tristeza.

O que eu medito não me existe:
estrela oculta, meu pastoreio.

O que me nutre flui de mim:
praia primeira, toda distância.

O que eu choro não me perdoa:
o meu festim, ardente espuma.

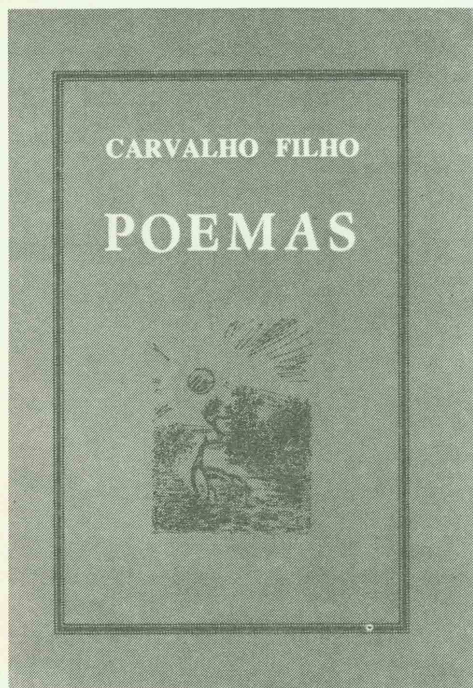
O que eu oculto não me abriga:
luz do mistério, lento degelo.

O que eu liberto me persegue:
âncora acesa, insônia sonhada.

O que eu contemplo me ignora:
deserto do verbo, loucura do ser.

O que eu ignoro me contempla:
húmus do eterno, aura do abismo.

Se não houvesse a Semana de Arte Moderna, o Modernismo apareceria. Como manifestação de sensibilidade de uma geração. Ainda em consequência da chamada 1ª Guerra Mundial, não é? A Semana de Arte Moderna é um fato que existiu, que repercutiu. Mas se esta semana de Arte de São Paulo não tivesse existido, o Modernismo surgiria. Quer dizer, a sensibilidade dos novos escritores a partir de 20, seria diferente. Ninguém queria mais ser parnasiano nem simbolista. Todos queriam criar não uma mentalidade nova, mas também uma forma nova de expressar essa mentalidade. Então, tinha que aparecer. Porque, com a Semana de Arte Moderna ou não, cada um ia dar expansão à sua sensibilidade, procurando cada um ter a sua expressão adequada. A grande ciência da literatura é essa, é o ajustamento da forma à substância daquilo que se faz, prosa ou verso. A forma tem que ser ajustada à substância. É como em pintura, em música. Assim também é a palavra.



Exangue

Canta, se a ordem é dançar.

Porém o sal dessa lembrança
dá leite e chamuscas ao pesadelo.

Perfume em ânfora de carne,
era mulher mas de coral.
Com a carícia apaziguadora
o que fora alma se transfundiu em liquor.

Então, além das cicatrizes
das âncoras e do delírio,
no corpo exangue apenas as arestas
e a pouca cinza daquela flor de gelo.

Parábola

O ser vegetal que de si se multiplica
não falece em si mesmo,
falece nos frutos.

A alma, porque de si se purifica,
a alma se basta a si mesma
no mistério de cada minuto.

Mas a morte, porque de si se enraíza,
só a morte renasce de si mesma
para a sempre espregueitada
aos frutos e aos minutos.

O Modernismo aqui na Bahia partiu tanto quanto possível para um propósito de construção. Ninguém quis derrotar ninguém, ninguém quis tomar ninguém como vítima. Respeitamos o que estava construído e então partimos para fazer o que cada um pudesse fazer. Aqui pontificava naquela época, um homem muito modesto, Arthur de Sallés. Ele era nosso mestre e ele nos dizia: *Sejam do seu tempo*. Ele era um poeta meio simbolista, meio parnasiano. Mas numa revista que publicamos, ele fez uns poemas modernos, e se não me engano "Os Coqueiros", um bonito poema, saiu na revista Arco & Flecha. Ele não nos negava e nem nós tínhamos o propósito de negar ninguém. Era aceitar, estudar, compreender, para cada um de nós sermos quem éramos.

P — Mas vocês se constituíram num grupo? O Arco & Flecha era um grupo?

R — Não era propriamente um grupo. A Arco & Flecha era um grupo tipográfico, um grupo na revista. Mas, na realidade, não havia grupo. A Arco & Flecha foi criada porque nós queríamos publicar coisas nos jornais e estes recusavam porque nós éramos modernistas. Então partimos para fazer uma revista. O Pinto de Aguiar foi quem teve a idéia.

P — Em que ano foi isso?

R — Calculo isso por 28. Fizemos a Revista, uns quatro ou cinco números. Há pouco reproduziram. Não era lá grande coisa. É por isso que eu digo, não era grupo, porque cada um ali tinha uma orientação, cada um tinha um grau de cultura, geral ou literária. Isso é que nós fazíamos questão. Cada um tinha sua tendência. Se você pegar a revista, você vê: cada um é diferente do outro. E para que haja um grupo literário é preciso que haja uniformidade de pensamento, de sentimento literário. Não havia. Cada um fazia uma coisa. Tinha gente que nem era literato. Apareceu, escreveu. Mas a revista viveu uns cinco números e acabou. Aí cada um foi tratar de si. Quem não estava ali por exibicionismo, continuou.

P — A literatura, no seu entendimento, é a expressão de uma época?

R — Assim como a literatura é a expressão de uma época, o escritor que fica é uma expressão pessoal dentro dessa época. O que fica marca com a sua substância, com a sua forma. Agora, cada época tem a sua literatura, em cada época o homem tem a sua sensibilidade. Seja o ator, a atriz, o plástico, o artista. Porque o escritor, afinal de contas, o que é? É o artista da palavra. Então, cada época tem a sua estética. A gente pode dizer isso: cada época tem a sua estética porque em cada época o homem tem uma sensibilidade diferente.

P — A palavra sensibilidade é bem recorrente em toda essa conversa. Qual o entendimento que surge disto?

R — Literatura, no meu pequeno entender, não é inteligência. Literatura é sensibilidade. E, de tempos em tempos, o homem tem uma sensibilidade diferente. Literatura é a expressão disso.

Jardim de Inverno

Os domínios do pan Hruby, responsável pela administração do grande e belo parque do Castelo de Dobris, situavam-se nos limites entre o jardim e o bosque. Numa singela casinha branca, cortinas de renda sobre os vidros da janela, vasos de flores no parapeito, pan Hruby vivia com a mulher, moça simpática, e dois filhinhos. Um tanque com peixinhos vermelhos separava sua casa de um amplo e bonito jardim de inverno, construção dos tempos dos príncipes, para o cultivo de flores em vasos numa estufa rústica, levantada por suas próprias mãos, com leiras de verduras e legumes.

Pan Hruby era um homem risonho mas de poucas palavras. Gentil como ele só, não se esforçava, no entanto, para entender meu tcheco arrevesado, respondia as minhas indagações com um sorriso e, quando muito, meneava a cabeça.

Ao voltar dos passeios no bosque, eu costumava passar pelo jardim de inverno e pela estufa. Acompanhava, passo a passo, o desenvolver das plantas nos vasilhinhos, o surgir dos botões que iam aumentando a cada dia, inchando, estufando até explodirem em flores coloridas. Acompanhava com o maior interesse o crescimento lento dos legumes. Ai, que desespero! Como demoravam a tomar corpo as cenouras, os nabos e os rabanetes... Algumas vezes eu perdia a paciência e tentava convencer o jardineiro a arrancar os legumes da terra antes de estarem completamente formados. Nessas ocasiões ele me compreendia perfeitamente, dizia não com o dedo, me confundia e derrotava. Jamais consegui demover o testarudo de seu princípio: tudo tem seu tempo certo. O jeito era me resignar e eu me resignava.



Não somente o interesse de acompanhar o desabrochar das flores e o crescimento dos legumes me levava com certa constância as plantações de pan Hruby. Lá dentro, abafada pela ausência do ar puro, em meio a flores se abrindo no calor artificial, eu imaginava coisas, sonhava, procurava me encontrar... Aconteceu mesmo ocorrer-me um dia a idéia de comparar o nosso exílio a um cativeiro, imenso e abafado jardim de inverno. Recordei-me até, num momento de maior nostalgia, de um verso que eu declamara em criança: *A ave presa em gaiola não pode cantar assim/é como a flor que se estiola longe do fresco jardim...* E por que essa tola comparação? O exílio seria mesmo um cativeiro? Seríamos por acaso flores que se estiolavam longe do fresco jardim? Achei graça da maluquice. Voltar para nosso país, claro que seria a melhor coisa do mundo. Mas, naquela ocasião, o Brasil não era um fresco jardim. Longe disso.

Essas reflexões só podiam ter uma explicação: saudades, saudades imensas de meu filho que ficara no Brasil, saudades de minha gente, de minha terra. Extravasamento de melancolia contida, única definição para os sentimentos que me ocorriam nos domínios de pan Hruby. Assim me parecia então.

Zélia Gattai nasceu em São Paulo. Publicou Anarquistas, Graças a Deus; Um Chapéu para Viagem, e Senhora Dona do Baile. O texto aqui reproduzido é um capítulo inédito de seu novo livro — Jardim de Inverno — e trata-se de uma cena que se passa no castelo dos escritores, em Dobris, a 60 quilômetros de Praga, onde residiu durante mais de dois anos, fins de 1949/1952, quando do exílio.

MYRIAM FRAGA

judite

Esta noite eu irei à tenda
De Holofernes.

Lá o encontrarei reclinado
Em seus coxins de ouro.

Esta noite eu irei
Pé ante pé ao abismo,
Ao vértice candente
— Espiral, sumidouro.

Esta noite levantarei
Lentamente a cortina;

Aflito em meu peito
Já um pássaro se agita

E eu habito este instante
Como meu sangue habita
As gargantas do corpo
— Corredeiras aflitas.

Esta noite eu irei
À noite de meu príncipe.
Meus olhos queimam
A tarde
E a seda dos vestidos
Transpira ansiedade
E gozo e malefício.

Esta noite eu irei,
Sacerdotisa, ao sacrifício.
Já sinto em minha boca
Os seus dentes aflitos
E o dourado esplendor
De suas unhas polidas
Desenhando em meu corpo
O rastro suplicio.

Esta noite eu beberei
De seu vinho encarnado
E lhe darei leite e mel
Em taças ovaladas.

Desatarei a trança
Que prende meus selvagens
Cabelos ondedados
Como serpos em cio
Esta noite eu irei.

Esta noite eu irei...
Já farejo o caminho
E o perfume envolvente
De seu corpo ungido
Como óleo de jasmims
E sangue de inimigos.

Há no ar um cheiro agreste
(Ou nos meus próprios sentidos?)
De suor de cavalos
E sumo de narcisos.

Esta noite eu dançarei
Entre facas e abismos,
Sua espada nas mãos,
Seus urros nos ouvidos.

Depois:
A cabeça rolará
Suave
E não se ouvirá
Um grito.

Só o doce esguichar
Do sangue
Em meus dedos aflitos.





Myriam Fraga
 nasceu em Salvador,
 Bahia. Poeta, publicou
 entre outros livros,
Marinhas, A Ilha,
O Risco na Pele,
A Cidade,
As Purificações ou
O Sinal do Talião,
 e **A lenda do Pássaro**
 que Roubou o Fogo.

Justino Maranhão
 nasceu em Salvador,
 Bahia. Com várias
 exposições pelo Brasil,
 integra a geração 70
 da arte baiana.

ANTÔNIO TORRES

- Patrãozinho, me dê uma prata.
- Pra que você quer dinheiro, homem? — disse o menino.
- Me dê uma prata pra eu tomar uma.
- Não vai trabalhar? Papai está lhe esperando.
- Eu vou mas é tomar uma.
- Tome duas e caia logo de vez — disse o menino, pondo as duas moedas na mão do homem e se retirando.
- Deus te ajude, patrãozinho.

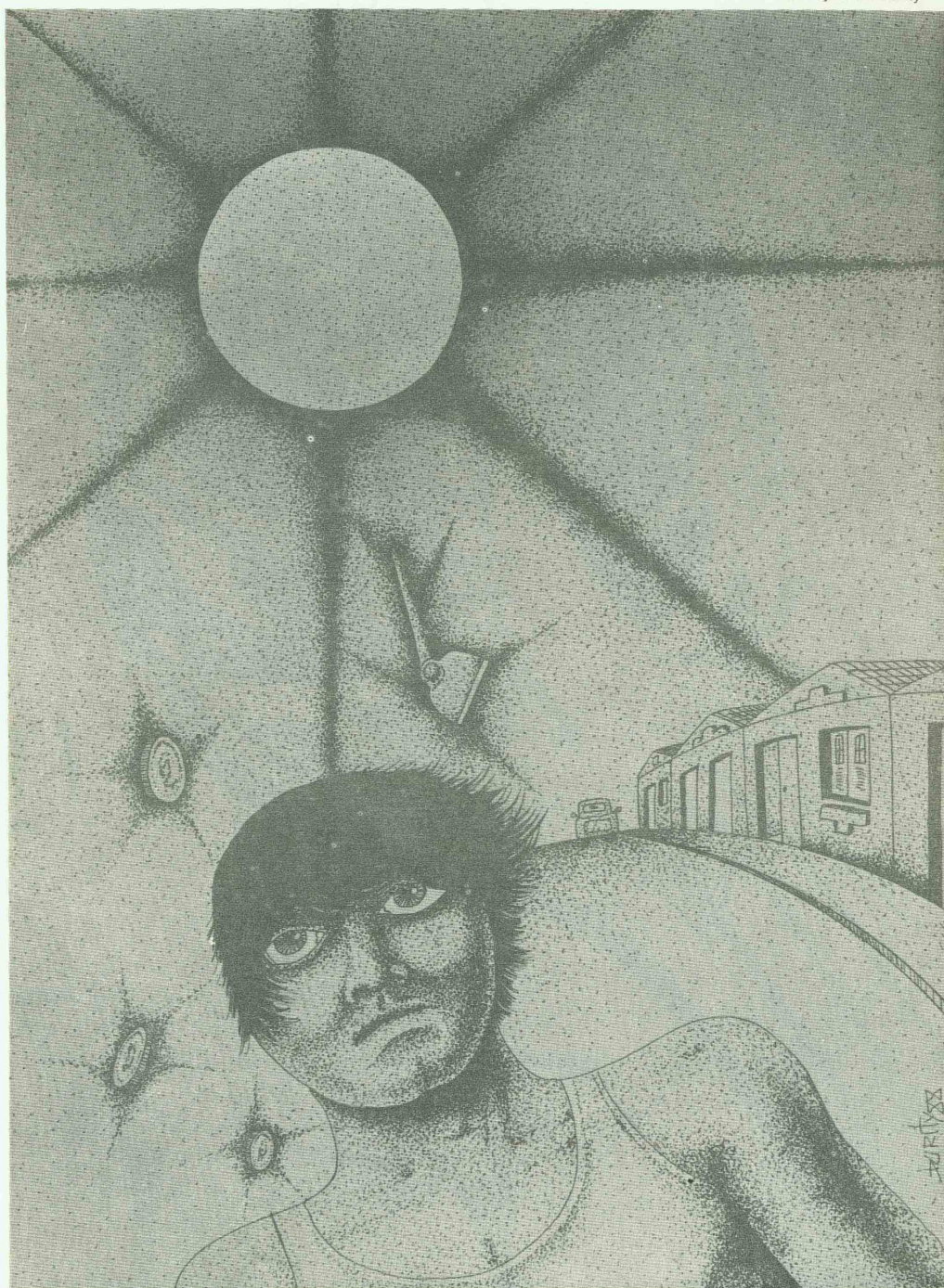
Era terça-feira e era o fim de tudo — e o último ser vivo do mundo estava caindo de bêbado, nem bem o sol havia raiado.

Agora não havia mais missa nem barraca nem pão-de-ló e a rua voltou a ser o que sempre foi: uma solidão única

O menino percebeu isso ao acordar. Estava sozinho. Como o padre, todos haviam retornado às suas casas de verdade, fazendolas e casebres miseráveis das redondezas que, se somadas, davam mais de sete léguas. Até tio Ascendino, o último dos beatos (o bêbado não contava), tinha abandonado o seu posto e retornado à sua marcenaria. Agora só lhe restava o caminho da roça. O pior não era a solidão. Era a fome. E assim, como as tripas roncando e esfregando os dedos nos olhos para limpar a remela, o menino foi descendo para a venda de Josias Cardoso. Ia comprar um pão de água e sal ou mesmo um pão de milho. Agora podia comprar o que quisesse, porque as três notas que o padre lhe dera compravam muitas coisas. Mas ia devagar. Lá na roça seu pai o aguardava com uma enxada.

Ilustração de Burity

SEGUNDO NEGO DE ROSENO



Felizmente, não sobraram apenas o menino, o bêbado e o dono da venda. Também havia Nego de Roseno e sua fubica parada na porta do armarinho. A fubica era um pouco mais do que o veículo que transportava uma pança negra cheia de níqueis dos roceiros. Era o único orgulho motorizado do Junco — e o prêmio justo para um homem que passara toda uma vida carregando suas mercadorias no lombo de um burro. O menino também estava fascinado com o progresso desse homem e chegava mesmo a invejar-lhe a liberdade de poder rodar para cima e para baixo na boléia daquele caminhãozinho que, mesmo quebrando e atolando nas estradas, acabava sempre chegando a algum destino. E talvez fosse isso o que ele estivesse querendo dizer, nesse momento. Imóvel dentro do armarinho, como se fosse mais um dos caixotes que Nego de Roseno tentava mudar de posição, o menino agora admirava a maneira delicada como ele, um homenzarrão desengonçado, arrumava os frascos de cheiro nas prateleiras. E foi então que Nego de Roseno falou. Queria alguma coisa? Queria, sim. Aquela camisa ali, quanto é?

Custava mais do que o dinheiro que ele tinha, mas Nego de Roseno deixou pelo dinheiro que ele tinha. — Seu pai é um bom freguês — disse. — Vou lhe fazer um desconto.

Seu pai. Agora precisava inventar uma boa mentira, para contar em casa. Por que você demorou tanto? Porque...

Talvez levasse uma surra.

Mas tinha dois pães numa mão e uma camisa nova na outra — e isso, por enquanto, era o que importava. Uma camiseta branca, de mangas cavadas (diferente, moderna), a primeira coisa na vida que comprava com o seu próprio dinheiro. Também não mandou pôr os pães na conta do pai, como das outras vezes. O problema é que sua alegria não estava sendo maior do que o seu medo. Quem mandou demorar tanto?

Quando chegou à marcenaria, tio Ascendino ainda cantava benditos. Era um velho muito só que vivia rezando e praguejando contra a UDN, um antro de comunistas. Tio Ascendino parou de cantar, parou a enxó, ajeitou os suspensórios e mostrou um caminhão azul para o menino. — Fiz este para você. Gosta da cor azul?

O menino ofereceu um de seus pães para o tio e tio Ascendino aproveitou para fazer um café. Enquanto esperava, e agora com uma alegria redobrada, por causa do presente, trocou de camisa.

— Só está é um pouco folgada — disse tio Ascendino. — Mas não faz mal. Quando lavar, ela encolhe. E você está crescendo.

Esquecido do tempo e da enxada e da possibilidade de uma surra, o menino conversou muito, como se fosse um bom companheiro para o tio.

— Esta terra só se alegra quando tem missa, não é?

— É a pura verdade — disse tio Ascendino. — É uma pena só ter missa de tempos em tempos. Já estamos precisando de um padre que more aqui e que celebre missa pelo menos todos os domingos.

— Também acho — disse o menino.

— E você, quando vai para o seminário?

— Não sei, não, tio.

— Quando vejo você ajudando o padre, tão bonito,

fico pedindo a Deus para ver você um dia metido numa batina. Ia ser o maior orgulho deste lugar. Mas talvez eu não viva tanto para ver isso.

Há uma certa hora no Junco que dá para se ouvir um carro de bois cantando do outro lado do universo. Entre 11 da manhã e 3 da tarde o sol treme e até as cigarras param de piar. O menino ia pela estrada atento aos buracos. Atento ao barulho das rodas de seu caminhãozinho, que ele empurrava com uma forquilha.

O presente do tio também serviu de perdão para a sua demora. O que não lhe perdoaram foi o fato de ele ter dado todo o seu dinheiro numa camisa que não valia nada. Burro. Burro e besta. Seu pai ordenou: — Volte lá e devolva isto. Traga o dinheiro de volta.

Tinha que voltar à rua. Não havia outro jeito. No caminho, pedia a Deus que lhe jogasse na frente as três notas que ganhara do padre e agora se encontravam nas mãos de Nego de Roseno. Se isso acontecesse, ele poria a camisa fora e voltava para casa sem ter que enfrentar o dono do armarinho. Era uma humilhação ter que se desfazer de um negócio que fizera por sua livre vontade. Mas se Deus não o iria socorrer, muito menos Nego de Roseno. Pediu o apoio de Dirce, com os olhos molhados. Dirce não se moveu. Pediu o apoio de Neguinho, que um dia havia caído a seus pés, no meio da rua, durante um ataque de epilepsia. Neguinho também não disse nada. Que espécie de homem ele era? — Perguntava Nego de Roseno. Comprava uma coisa e depois se arrependia? Além do mais, a camisa estava melada de suor. Em casa, além da enxada, agora o aguardava uma nova bateria de ameaças e descomposturas. E esse incidente iria perturbar-lhe o sono durante um largo tempo da sua vida.

Como no dia em que Neguinho se jogou no tanque velho e morreu afogado, para se vingar de uma tapa que levava do pai. Em seus sonhos o menino via Neguinho se debatendo e espumando no chão, com os olhos abotoados e suplicantes, como se estivessem pedindo socorro. Essa cena iria se repetir noites a fio, por mais que o menino rezasse pela alma de Neguinho.

Só muito depois, quando a camisa já estava rasgada e não servia mais para nada, foi que ele deu o caso por encerrado.

Uma noite seu pai voltou um pouco tarde da rua e ficou conversando com sua mãe. Estava contando a respeito do que ouvira uns homens dizer sobre o menino. — Estava eu, Josias, compadre Zeca e Nego de Roseno. — O menino ficou de orelha em pé. Ainda não haviam se esquecido daquela coisa.

— Aí, Nego de Roseno disse: dá gosto ouvir aquele menino falar. Aquele menino é um homem — contava o velho. — Os outros, todos, disseram a mesma coisa.

Agora, sim. Seu pai estava orgulhoso.

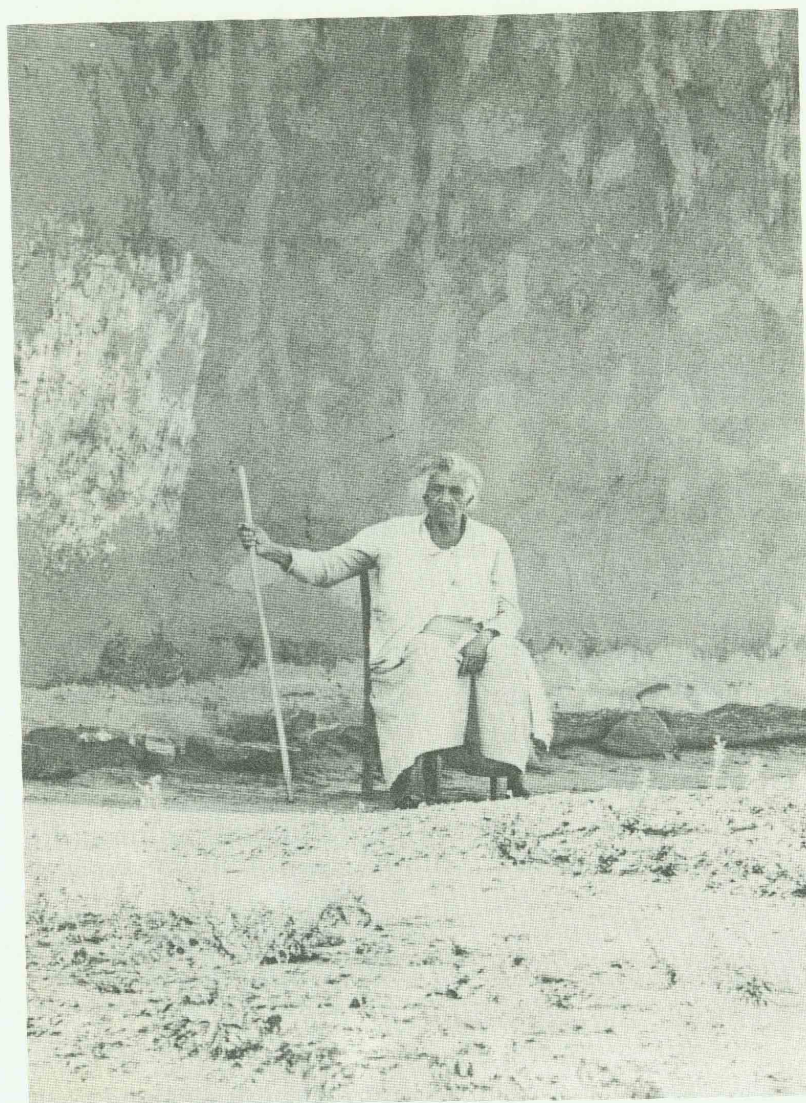
O filho dele era um homem, segundo Nego de Roseno.

Antonio Torres nasceu a 13 de setembro de 1940, no Junco (hoje Sátiro Dias), Bahia. Romancista, publicou Um Cão Uivando para a Lua, Os Homens dos Pés Redondos, Essa Terra, Carta ao Bispo.

Burity nasceu em Salvador, Bahia. Tem 30 anos. É artista plástico da nova geração baiana.

JAMISON PEDRA
HELOISA PRAZERES

AOS QUE NÃO CANTAM



Jeremoabo, 1978 (BA)

sem decalque
sem decalque

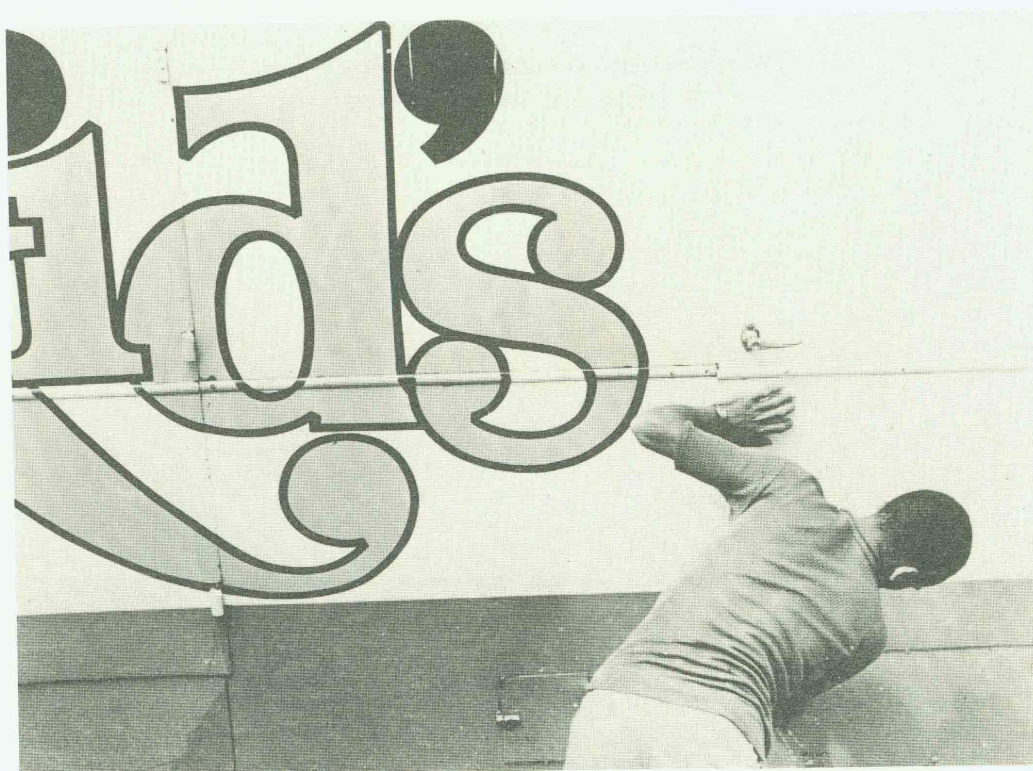
as marcas
os monogramas

as letras compostas no corpo
início e iniciais



Ouro Preto, 1980.

gastaram-se no uso
a colcha
os corpos
o alfabeto



Canavieiras, 1985 (BA)

a Cidade come o rosto
e o corpo pelo meio reparte

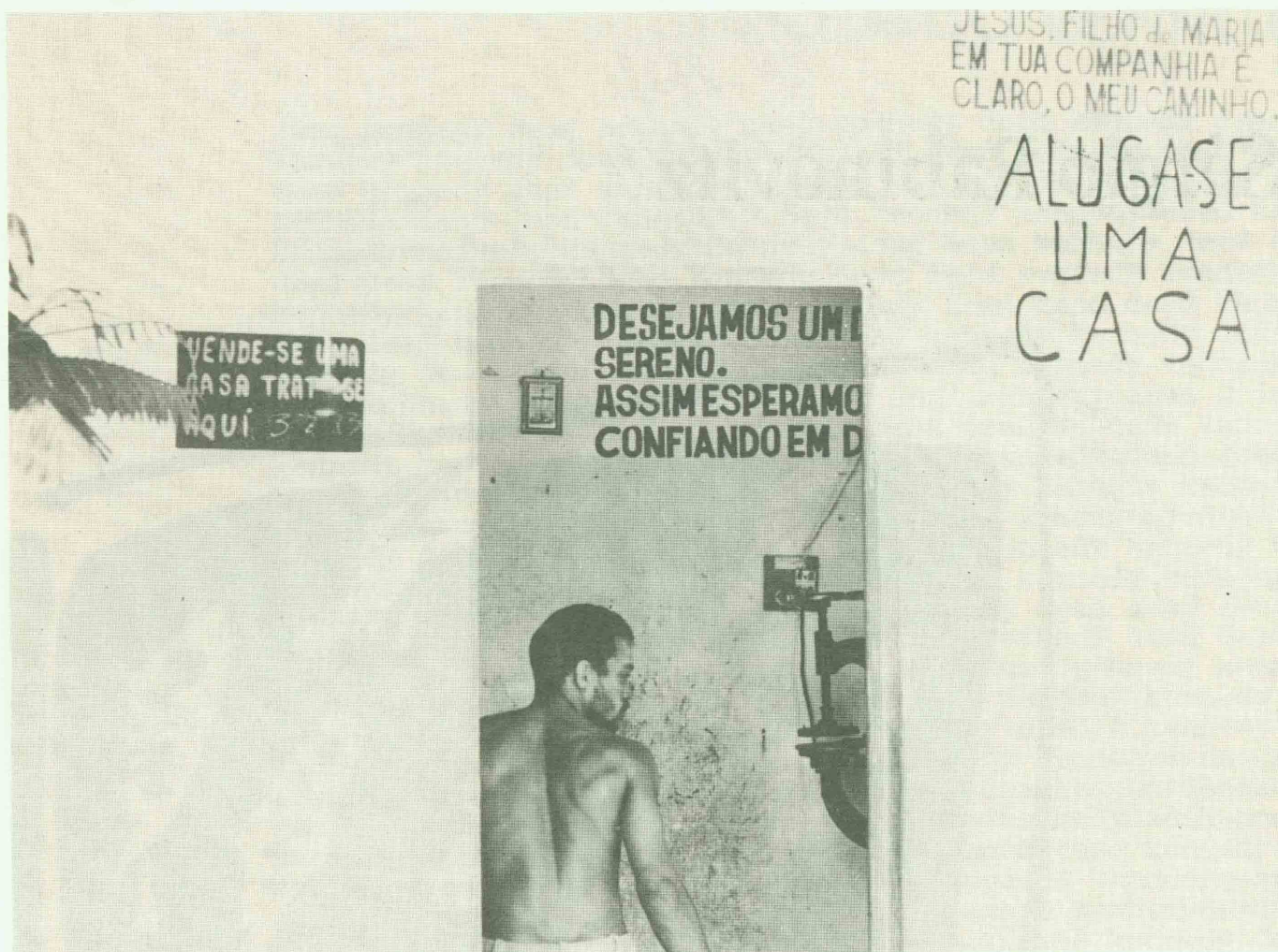
Imagem:
mundo desprendido
mundo de letras inventadas



Salvador, 1970 (BA)

transfigurador figurado nos rostos
de repente única figura

AOS QUE NÃO



Salvador, 1986 (BA)

onde o vão que labirinto
pedra-não de encaixe imperfeito?

Jamison Pedra nasceu em Valença, Bahia, 1938. Arquiteto e artista plástico, recebeu os seguintes prêmios em fotografia: 1º do I Salão Baiano/1968; 1º (em 1971) e 3º (1975) do Concurso da Revista Realidade, Editora Abril.

Heloisa Prazeres é professora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Sérgio Rabinovitz



Rua do Balneário, 6E
Amaralina, 41860
Salvador-Bahia — Telefone (071) 248-1071

ARTE EM SÊRIE

• TIRAGENS LIMITADAS E EXCLUSIVAS •

LITOGRAVURAS, SERIGRAFIAS,
XILOGRAVURAS, ESCULTURAS,
OBJETOS DE ARTE NUMERA-
DOS E ASSINADOS POR ARTIS-
TAS CONSAGRADOS.

ESTOJOS E MOLDURAS INDIVI-
DUAIS, PERSONALIZADOS E EX-
CLUSIVOS. PREÇOS ESPECIAIS
PARA EMPRESAS, ARQUITETOS
E DECORADORES.

Prova do Artista

Av Presidente Vargas 2 338 Loja 6 Salvador Praia Hotel Ondina 40160 Salvador BA Tel (071) 245 5033 R 500 e 235 0850
CPC/MINC 29.005.008/88-31 — LEI SARNEY

RICHARD O' CONNELL

[illegible]

JUNE 68

Richard O'Connell

HELIOS

for Anne Keating

On the horizon he learns writing
The poem of creation

No horizonte ele aprende escrevendo
O poema da criação

Richard O'Connell nasceu em New York, 1928. Professor e poeta, publicou **Battle Poems**, **Cries of Flesh and Stone**.

Na barra da manhã daquela quinta-feira Oyá foi vista em
indo de axé em axé, em visitação. Se, devido aos chifres
revelou espanto, não fez escândalo, não se atirou a
discreção, num sussurro da boca para dentro,
Epa Rei! Quem mais sabe menos fala, o a
e dos charlatães. Oyá atravessou altane
nos ombros nós, nos braços e nos
cor-de-vinho. Viram-na
e os

Fosse como fosse, algo transpirou: um rumor correu, espalhou-se. Nas casas-de-santo, no bulício das camarinhas, no recato dos pejis, ouviram-se conversas de sotaque, trocaram-se bisbilhotices, e no Mercado de Santa Bárbara, na Baixa dos Sapateiros, várias barracas amanhecera enfeitadas com guirlandas, bandeirolas de papel-de-seda, flores de papel crepom, se bem ainda estivesse distante a festa de Yansã que ali se comemora a quatro de dezembro. Foliona sem rival, Jacira do Odô Oyá improvisou modesto caruru de doze grosas de quiabos, para celebrar. Celebrar o que, não disse nem lhe perguntaram.

Oyá viera por Adalgisa e por Manela, cobrar o que lhe era devido, exemplar quem lhe faltara, proclamar o direito à vida e ao amor. De festa se contentaria com a da véspera quando desembarcara e fora ao Gantois: obrigatória, pois quarta-feira é seu dia da semana. Mas, se outras houvessem, delas não desdenharia. Sucedeu no entanto o imprevisto acarretando-lhe novos trabalhos — mãe extremosa, Oyá não sabe negar-se às suas filhas. Não viera para festas mas com tantos quefazeres, a comemoração se impunha.

Segundo consta, Oyá teria começado pelo axé do Alaketu, vizinho da casa de Carybé — da Boa Vista ao Matatu é um pulo, fica tudo em Brotas — onde alguns afirmam ter ela passado a noite em alegre companhia: apontam como prova a tela onde se vê uma negra adormecida em mistério e poesia e, em derredor do corpo esgalgo e imenso, a paisagem da Bahia, a montanha, o mar, o povo. Atentando nos traços da figura, era fácil dar-se conta da semelhança com Olga, a poderosa iyaxorixá: Olga do Alaketu, Olga de Tempo, Olga de Yansã.

A mãe-de-santo iniciara as obrigações do dia jogando os búzios para invocar o encantado, propor o ebó e transmitir as aflições da moça, os pedidos, fáceis uns, outros difíceis de satisfazer, quando Oyá se mostrou e acendeu a aurora no sopé da ladeira do Alaketu. Olga sorriu: minha mãe veio em pessoa, salve o dia abençoado! A cabra, presa por uma corda atrás do barracão, berrou aflita.

Acocorada diante da gamela de acarajés, a moça enxergou apenas a luz da aurora rompendo as trevas mas distinguiu fulgurações grenás, estrias cor-de-vinho e as tomou como signos favoráveis. De favorecimento dependia quem vinha carregada de cuidados, ambições, carências, o embornal repleto. Petição grande e variada, para tanta necessidade e

AMADO

ruas e becos, no centro e nas aforas da Cidade da Bahia,
de búfalo e ao cuspo de fogo, alguém a reconheceu, não
seus pés nem lhe proclamou o nome. Saudou-a com
somente ela e mais ninguém poderia percebê-lo:
tarde e a jactância são recursos dos nécios
ra e bela, vestida com um pano-da-costa;
tornozelos, colares e pulseiras
os madrugadores
retardatários.

tanta urgência bastariam duas dúzias de acarajés e uma cabra
nova se bem trazida do sertão?

Jamais a moça se sentira tão agoniada pois aquele dia
se tornara de repente decisivo para a carreira incipiente mas
era ambiciosa e obstinada, não fosse filha de Yansã. Em
breve cumpriria três anos de feita, a partir da festa do nome
não faltara a nenhuma obrigação, cumprira à risca o calen-
dário dos borís. A santa a ajudara nas provas do vestibular
e na estréia na Concha Acústica do Teatro Castro Alves onde
representara com garbo e elogios o papel de dona Pata numa
peça infantil de João Jorge, aquele sem-vergonha. Cabelos
de índia, negros e lisos, olhos azuis de branca, lábios carnudos
de negra e a cor tisonada, a moça produziu a rogatória.

Clamava por justiça para os explorados, solicitava cora-
gem e arte diante das câmeras e ansiava acolher nos braços
o homem que lhe consumia o sangue. Jovem universitária
simpatizante das causas proibidas, atriz novata nos tablad-
os dos teatros de arena, pobres, provisórios, perseguidos, cabra
em cio gemendo de paixão ardente e reprimida. Enfiara na
mesma trouxa de empenhos o programa de televisão, o francês
famoso, um padre lindo e casto e os três cadáveres que enxer-
gara ao longe, apodrecendo. A outra cabra, a que trouxera
de oferenda, de-comer para a cabeça, ela a roubara dos reba-
nhos do fazendeiro, o que lhe dava mais valia e maior mereci-
mento.

Enquanto Olga ouvia a veemente lengalenga, Oyá se
evolou na voz da moça, recorreu o latifúndio e o povoado,
arrecadou a carga de infortúnios, tomou conhecimento das
intensões malignas, dos planos diabólicos, soube da conde-
nação à morte. Oyá conhecia o padre, companheiro de viagem
na travessia do Paraguaçu, rapagão bonito, coração generoso
e atormentado. O resto da solicitação da moça, francesia
e desempenho, não requeria esforço. Tomaria das linhas para-
lelas para traçar um círculo.

A moça chegou ao fim da petição. Oyá, tendo regres-
sado e decidido, montou Olga, seu cavalo favorito, empunhou
o sabre e saiu dançando. Por três vezes cuspiu fogo antes
de acolher no peito a pedinchona e aceitar o ebó. A gamela
com os acarajés foi posta no peji mas quando, quente e verme-
lho, o sangue espirrou do pescoço da cabra, Oyá o sugou
com avidez. Mandou que os pedaços do bicho fossem cozinha-
dos e, separada a sua porção, a sobra servisse de repasto
ao povo do axé no fim da tarde. Assim se fez.

NIVALDA COSTA

Ex-verde

Sobre cinzas,
desagasalhos
signal
de
perdas...
Sobre vida,
Milhas abotoam ilhas

Erê

e o menino
perseguiu passos
mirava pérolas
passava laços, acertava tiros
saltava o sonho
comum gato de
infinitas iras

O OLHO DO OUTRO
NO ENTRESSALTO
A LENTE AUMENTA
O OLHO DO TRAÇO
LUZES REFLETEM
CORPOS NEGROS
TRESPASSADOS
ESPAÇOS

Nivalda Costa é baiana. Formada em Ciências Sociais, trabalha em televisão. Publicou nas antologias *Capoeirando* e *Da Cor da Noite*.

MAFÍSICA

Aquela não seria, com certeza absoluta, assim como as nuvens desabam e renascem no dia seguinte, a última vez que os atabaques alargariam seus sons ao sabor do tempo... Tra..Tra..Tum...Tum...Tum...Rat-plac...Raotplac...plac...Tagadum...Tagadum..Taga..Taga. O couro de cabra repercutia a grossa pele da mão de deuses envenenados pelo ódio, adocicados pelo arrepio. Dedos ágeis. Palmas amarelas de gente sem cor definida, assim como formigas de açucareiros, com as anteninhas miudinhas que quase não tinham utilidade no carpir. Os lamentos dos atabaques grandes e pequenos pareciam ter umidade. Quente. Colante como o suor que provavelmente escorriam pelos poros desnudos de gente com pouco pêlo e carnes lustrosas.

Apenas vez em quando o barulho forte do metrô Itapuã/Calçada escondia a pancadaria forte no tecido curtido. Muitas vezes até o zumbido fino nos trilhos davam a impressão de haver uma certa coordenação. Embolia. Ruídos presos uns nos outros retesados. Pareciam combinar e agarrar o nada, como se atabaques e aço fossem uma só peça, galgando as partituras de Filgueiras, Smetak ou Bira, num destes clássicos que basta apertar a tecla adequada, com seus sinais éticos, para que a discoteca selecione a placa orgânica e envie pelos motoqueiros que sempre rasgam o azul celeste, como se fossem pombos de alumínio refletindo cor única. Principalmente quando o sol se colocava por trás de Itaparica, revelando a silhueta da velha ponte ligando a ilha ao continente e que agora só prestava para o cooper de atletas madugadores ou ginastas retardatários e lá vinham eles com seus jantares desidratados. Mais cedo ou mais tarde, com o aprimoramento da desmaterialização dos objetos o engarrafamento, as abalroadas destes motociclistas alados deixarão de incomodar. Os estilhaços espalham-se pelas azaléias que infestam a cidade, como pragas. E de quando em quando ouve-se a sirene do transporte do Pronto Socorro. E tem um ou outro flutuando com seus cintos antigravitacionais, desmaiados, sangrando. Mas eles nunca aprendem e teimam em desenvolver grandes velocidades. Apenas o problema não é pior por trafegarem numa zona bem abaixo — quase ao nível do Elevador Lacerda e do Plano Inclinado — enquanto os veículos leves de passeio andam um quilômetro acima e as unidades de cargas e transportes ou estão mais acima ou ao nível do metrô de superfície.



Isso agora não importava muito e era necessário esconder os olhos para evitar que os espelhos dos grandes edifícios refletissem diretamente nos olhos a luminosidade difusa mas incomodativa que vinha do final da tarde. Os atabaques começavam a incomodar e por ser dia de Santa Bárbara, por certo iriam romper a madrugada. Era um ritual que vinha de séculos e que não perdera-se em suas vertentes. Conservava a mesma *embora* essência, muito tivessem ocorridos alguns problemas que minimizavam a participação dos fiéis. O achado filosófico era o mesmo. A intenção era reverenciar os deuses, como os Krishnas fazem ainda hoje na Praça da Piedade, onde em meio aos animais que por ali circulam nas largas jaulas energizadas e dos pássaros que dividem espaço com os velhos aposentados, amplificam o barulhinho dos sinos e batem palma.

Quando viesse a madrugada, isso era uma certeza, e restasse apenas o silêncio da noite ressoariam vívidos os atabaques e os últimos metrô. Entre eles vozes perdidas. Risos contidos. Talvez um gato miasse numa casa antiga da Montanha, enquanto sua dona procurava agradar a um astronauta que descera num módulo fugidio ou aproveitava uma licença para ter prazeres que somente com os pés no chão seria possível de ter.

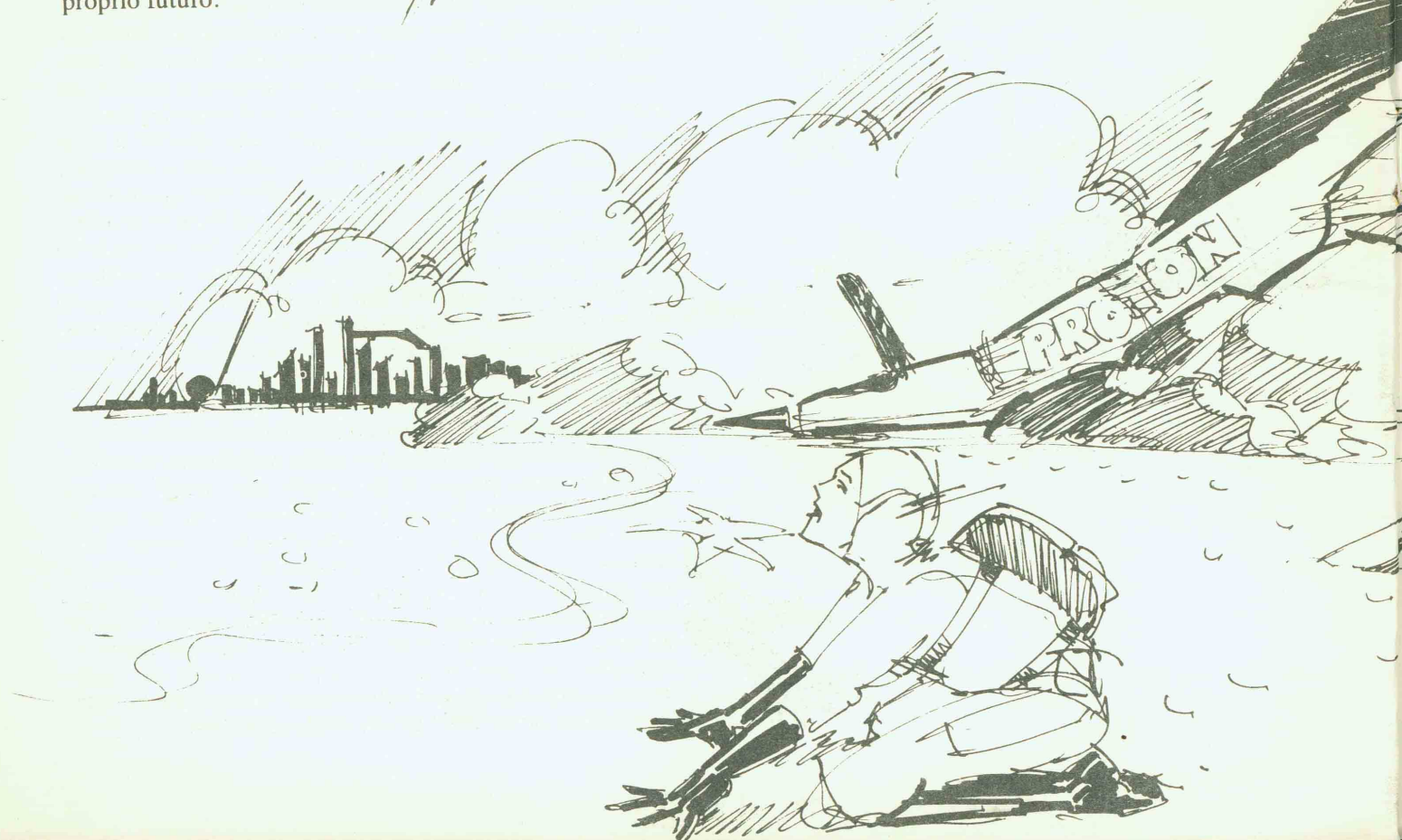
E não era preciso sofrer a madrugada para sentir o coração rasgar como colcha velha ou uma rajada de laser. Bastava apenas olhar para a primeira estrela que aparecia sobre o mar da Baía para ter certeza dos olhos de Prantons II. Podia-se dizer que sua alma inexistente pairava sobre sua cabeça enquanto o peito ardia como se tivesse engolido todos os íons da face da terra. Como se raios gamas tivessem revelado cada célula e os raios X desmascarados seus sentimentos como mostrariam os ossos e os nervos.

Tinha certeza da perda absoluta de um grande amor. Sincero e novo amor. Só que era tarde e o momento exato para manter aquela combustão viva ou perene tinha passado. Os olhos de Prantons perguntaram na hora exata o que haveria no futuro. E ele apenas atinara para o seu próprio futuro.

O passado era aquele planetóide. Uma estação interestelar, localizada em Vega, a., 1,5 Km/luz após o ápice da Lua. Era uma experiência como outra qualquer, de rotina. Ele bastava para tomar conta de simples cobaias que testavam soros fisiológicos para combater biologicamente cataratas e enfisemas na temperatura ambiente sobre condições de força gravitacional zero. Fora disso eram meios instrumentos para medir e nada mais. Passaria apenas três meses. Já havia estado em experiências anteriores mais de seis meses e tinha um dos melhores fichários da equipe da Central de Pesquisa Biotecnológica (uma instituição que mantinha convênio com grandes centros de pesquisa espaciais desde as primeiras décadas deste século). Agora que o século encerrava-se não seria nada mau mostrar um trabalho mais acurado e era o que procurava fazer. Aquela era uma era — e não podia perder o trem da história — de realizar tudo o que era possível e preciso, como encontrar as alternativas primais dos métodos de cura que somente o laser vinha oferecendo sucesso, mas que significava ainda riscos e agressão para a natureza humana.

No final dos dois meses quando se preparava para voltar recebeu o comunicado de que entraria numa nova experiência. Passaria a conviver com um ciborg de última geração, dotada de sentimentos programados e com reações semelhantes aos humanos, diferindo apenas na ausência de glândulas sebáceas e lacrimais. Pele sintética à base de caprolactama. Articulações de titânio e vanádio. Cartilagens de kevlon e carbono. Recoberturas inferiores de grafite e louça. Prantons II chegou e deu um novo clima justamente quando os computadores da estação começaram a ratear e a memória ROM foi-se apagando, como se estivesse sofrendo alterações em função de explosões solares ou ingerência de alguma fonte energética muito mais forte, e foi-se afastando de sua órbita.

O serviço de comunicação com a base no Raso da Catarina não completava, muito embora houvesse a certeza de estar sendo ouvido já que os monitores da Gavião V indicavam isso. Prantons ajudou a recolocar a estação em órbita muito embora longe do seu parâmetro determinado. Estava num quadrante oposto e possivelmente jamais se-



riam encontrados. As rotas comerciais estavam a milhares e milhares de quilômetros e muito embora todos os pontos vitais da estação estivessem funcionando, não havia combustível nem ignição ótica ou manual que impulsionasse todo aquele complexo para o setor original. As comunicações suspensas e o tempo passando. Nos primeiros quatro meses Prantons limitava-se a cumprir as ordens. Gradualmente foi revelando uma programação muito mais abrangente e dos jogos para o conhecimento de arte, por exemplo, foi um passo. O resto veio sem surpresa. No décimo oitavo mês Prantons mostrava uma programação que englobava serviços rotineiros de trabalhos de pesquisa e uma noção, muito grande de psicologia, o que servia para elevar o moral dentro da imensa estação em que o ruído mais incomum eram os chiados dos pequenos répteis quando tinham fome. E ela se acostumara a alimentar um por um. Tomou afeição por Preta, um pequeno rato branco e andava com ele no ombro ou dentro dos cabelos. Sua conversa distendia-se e no trigésimo terceiro mês se tornou um ser inestimável dentro daquelas paredes claras de ruídos constantes.

O tempo se encarregara de fazer valer o companheirismo e, talvez alguma espécie de osmose apropriada estavam a cada dia mais iguais e não seria nada impossível que fosse difícil observar, sem uma avaliação apurada, quem seria o ser artificial. Após o primeiro ano de convivência havia um companheirismo sem traumas. Uma relação afetiva sem qualquer diferenciação, sem necessidade de explicação. Acostumara-se a acordar com o canto meio trinado de Prantons e aos exercícios regulares, juntos. Pouco importava se era dia ou se era noite naquele negrume constante. Olhar as estrelas e redescobri-las tinha um interesse todo especial. O sentimento vagando em paralelo e agora os dois ajudando a decifrar mais um enigma. Reações e contra-reações. Sensibilidade. Palavra. Carinho. Toques. Ideias.

O tempo pouco importava quando a nave de resgate chegou a poucos metros e sinalizou. O Código Morse vindo de luz avermelhada bateu forte e invadiu a retina. Prantons acordara e traduzia com voz lentamente grave as informações e respondia com interrupções regulares na luz do

sistema de segurança. As luzes piscavam. Prantons repassava.

A nave de resgate só tinha lugar para uma pessoa e era necessário retirar todo o combustível sólido da estação orbital para que pudesse retornar. As experiências acumuladas nos disquetes estariam asseguradas. Os seres que ficassem estariam condenados ao congelamento, pela ausência de condições vitais. Prantons arrumou a pasta aluminizada, colocou as informações na fita principal em suas mãos e desapareceu pelo corredor ainda iluminado, justamente no momento em que acabava de ser feita a transmissão dos tanques de combustíveis. Era partir e deixá-la para trás. A estação foi ficando cada vez mais longe até que perdeu o brilho. O espaço alargando-se para o infinito.

Pelo horário o apito vindo da rua demonstrava que ali seguia o metrô (último ou penúltimo, a depender do atraso que era de praxe) seguiria em direção ao Bonocó. Em minutos estaria beirando a Paralela, despejando trabalhadores que trocavam o dia pela noite. Escuridão. Mesmo para os olhos acostumados, difícil destacar as estrelas no espaço infinito, mesmo numa noite sem nuvens ou fulgêns. Todos os brilhos são voláteis. E os sentidos enganam. As combinações rítmicas das novas ou dos planetóides passam a sensação de um código e o coração ferido lê pelos olhos. As estrelas pulsam cores passadas. Os atabaques parece que se calaram mas ainda tocam.

METAFÍSICA



Freitas

Jolivaldo Freitas nasceu em Salvador, Bahia, tem 34 anos. Publicou *Cemitério de Cães Noturnos* (contos); *A Lâmina no Coração* e *Malvinas, Autofagia* (poemas); e *Amor Roxo* (novela).

Tercio nasceu em Londrina, Paraná, em 1955. Ilustrador de suplementos Culturais e jornais de Goiânia e Salvador, é publicitário.

Antes

Era uma vez uma faca amolada.

E ela cortou o tempo, sem piedade, em nove pedaços. Radicais em seus quase triângulos isósceles de 40 graus. Em cada um, a marca de uma grande utopia e um rosto focado sobre um fundo de pinceladas melancolicamente impressionistas, como se chovesse sobre as fatias ainda justapostas, mas — era visível! — prestes a se desprender. Os roedores de plantão não dispensam qualquer migalha, quanto mais um bolo desses, completamente doce, confeitado de tragédia, brincadeira e verdade, e ainda uns grânulos de chocolate.

Por muito, ficou assim o tempo — cortado em fatias, mas íntegro. Ninguém daquela mesa tinha coragem de arrebatá-lo o primeiro pedaço, a primeira utopia e o primeiro rosto, na verdade qualquer um, que o bolo era redondo e as fatias, rigorosamente iguais. A faca amolada agiu nesse caso com precisão **laser**: os confeitos bem distribuídos, para não faltar nem sobrar nada em nenhuma fatia. Assim, a ninguém seria dado ser “diferente”...

A avó Elpha já murchava nos seus mais de 90 anos vividos religiosamente, com todos os pecados permitidos aos mortais. Mas depois ia para a igreja rezar — e pronto! Perdão certo dos céus, com tantas ave-marias, pai-nossos e longas caminhadas nas procissões da padroeira. Na sua visão defeituosa da catarata, aquele bolo com o tempo inteiro era o fim, o sinal de que estava tudo completo, as peças encaixadas. Só lhe restava apagar a esperança. Morreu, sem ninguém perceber. Foi sumindo na tela, evaporando-se.

Faltou luz e não foi em vão. Depois do *black-out*, uma fatia de bolo estava em cima da cristaleira, roída, roída. Malditos ratos, pensou a sobrinha-neta Orama, doida para morrer envenenada, tão indisposta andava com a mediocridade. Odiava-se porque se sentia limpa e cheirosa, mas via os outros sempre malamanhados, suados e maledicentes. Quero um cangote perfumado com cheiro

de sabonete neutro acrescido com umas gotas de sumo de canela. Ah, mas os cheirosos eram fúteis e ela não suportava a frivolidade crônica. Uns com medo da vida e outros querendo se vingar sem saber do quê. Maldição! Flagrou-se nua na cama esfregando o segundo pedaço do bolo pelo corpo todo, com sofreguidão e gozo.

Todos ao redor da mesa para a santa ceia comemorativa do primeiro ano de casamento da neta mais nova. Lilva, 16, completava suas bodas, com um filho de seis meses no colo. Desonrara a família mas tudo foi contornado (quase) a tempo. Casou-se em grande estilo com o malfeitor e entrou para a mais alta sociedade ainda. Tinha todos os vestidos mas era infeliz porque não conseguia ficar agradável. Achava-se gorda e baixa, com o nariz grande, o esmalte de unha descascava antes de a manicure voltar. Era talvez mania de roer a tinta lilás lisinha. O bolo da sobremesa posto após o repasto festivo, com azeitonas e passas na farofa, a deixou muda e com o olhar vago. No teto de lambri, viu-se saindo do Municipal do Rio comendo sua parte, lambendo os dedos sem estilo sobre sapatilhas de ponta.

A mãe, branca demais com os cabelos pintados de vermelho, tinha nas mãos o álbum da família. Levava para São Paulo toda a lembrança da Bahia. Desenhava num caderno de desenho o Elevador Lacerda, ao qual juntou fotos e recortes de jornais sobre pessoas e fatos baianos. Para não perder as raízes, justificava. Passava os domingos mostrando o feito e redigindo as legendas. Era carinhosa, amorosa, dava a impressão de fraca mas era forte. Tinha as mãos lindas, de fada. Lia os clássicos e espargia uma vibração suave. Lavava os pratos e enfeitava o arroz com o coração apertado — preferia estar viajando no suicídio de *Wherter* ou nas saias de Orlando. Deu as costas ao bolo, titubeou, voltou atrás e derramou vinho em sua fatia. Comeu e voltou imediatamente para o ninho em cima do telhado, trêmula, ofegante. Escalou o céu depois, lentamente.

Duas amigas do tempo do convento acenderam velas cor-de-rosa sobre suas porções. Levantaram solenemente o ofertório na taça de ouro e divisaram o tempo em que vieram do limbo. Eram ágeis mas sustentavam o peso da santidade. Ligo estudava Pedagogia e tinha dentes

Sinistra

cinzentos. Olhos saltados, era sempre a bruxa nas brincadeiras de castelo e nas dramatizações da escola. Não parava de pensar, com seu vestido de tule preto, na caverna de estalactites que se espichava por seis quilômetros ao sul da Chapada.

Amion era de outro jeito. Corpo esbelto, nunca tinha dado para ninguém por temor da proximidade. Não comia, não namorava, não estudava, não trabalhava, mas tinha muita dor de ouvido. Morava nos fundos, subsolo. Acostumou-se à escuridão. E agora achava uma boa oportunidade para matar a parceira, a quem amava mas odiava, pois era o único objeto do seu desejo sobre a face da terra. Ao perceber que ela iria golpeá-la com a faca do bolo, Ligo saltou sobre as duas fatias que lhes cabiam e, tremendo, jogou-se do viaduto. Uma kombi velha azul tratou de esmagá-la. Amion deixou a sala andando para trás, com fome pela primeira vez.

O relógio de cuco bateu quinze para a meia-noite furando o cravo nervoso e barroco de **Scarlatti**. Um frio percorreu as três almas presentes em torno da mesa. Entreolharam-se e pensaram: cada uma tinha apenas cinco minutos para procriar e se salvar. Daila se tocou mais rápido e colocou batom vermelho, o mesmo dos seus 20 anos, quando matou seu primeiro namorado porque descobriu que ele era **gay**. Depois, pegou cuidadosamente seu pedaço e levou aos lábios, empurrando para dentro. Ao mastigar sem vontade, reviu o Pantheon e foi tudo. Do batom jorraram mil litros de sangue que trouxeram três bebês mortos. Era seu último aborto.

A prima Cuala era uma ingênua. Estava na varanda quando aquilo aconteceu. Nos seus 14 anos, nunca foi à escola sozinha. A mãe viúva a mimara em demasia. Sonhava com o príncipe azul num cavalo branco com quem fugiria para o bosque no momento certo. Tinha cabelos pretos e lisos mas os usava louros e de permanente. Abeirou-se da mesa sem nada entender e comeu um brigadeiro que sobrara na bandeja ao lado. Cavou um buraco no carpete da sala e enterrou seu próprio rosto desenhado na superfície de sua fatia do bolo. Na mesma hora, entrou em trabalho de parto, contorcendo-se em cólicas, urrando como louca.

Novo black-out. Zana estava irremediavelmente só e sem medo nos seus sete aninhos. Usava vestido rodado, de cassa branca, fita nos longos cabelos castanhos, de cachos. Tinha uma boneca de pano na mão. Era afilhada da dona da casa. Não fora dormir porque não gostava disso. Preferia brincar de casinha através da madrugada, em total silêncio para ninguém ouvir e brigar ou proibir. Sua família não era convencional. Não havia hierarquia e todos eram um só, imagens desdobradas de uma única velha boneca de cara de porcelana que uma avó lhe dera num Natal. Eram dezenove pessoas no seu delírio. Todas pálidas, com **rouge** nas bochechas. E roupa de can-can, com muitos babados. Todas dançarinas, bonitas e ocas.

Ela mirou a mesa revirada, deu um giro lento com a cabeça para ver algum sinal e resolveu pegar a última parte do tempo — que aliás lhe pertencia. Repartiu em dezenove pedaços milimetricamente iguais e foi alimentar sua ninhada. Ao colocar o último cubinho na última boca ouviu uma sinfonia de sinos, anunciando a manhã. As filhas lhe disseram que era hora de dormir e a levaram — forçando — para o leito de cetim preto.

Dormiu de olhos abertos para sempre, e não houve beijo que quebrasse o encanto...

Jane Kátia Badaró nasceu a 10 de setembro de 1955, em Ilhéus, Bahia. Jornalista e poeta, publicou Viagem no Escuro e outras brincadeiras.

Espaço cultural.



O Iguatemi é cultura.

Ela está presente em suas praças e alamedas, que levam o nome dos mais expressivos intelectuais e artistas da Bahia, como Jorge Amado, Dorival Caymmi, Gregório de Mattos, Mário Cravo, Calasans Neto e tantos outros. Lançamentos literários,

exposições, apresentações musicais e todas as manifestações artísticas são realizadas e incentivadas pelo Iguatemi, para quem cultura nunca sai de moda.

IGUATEMI

O Shopping da Bahia

LILIAN PESTRE DE ALMEIDA

O POETA LÉON-GONTRAN DAMAS E A NEGRITUDE

Comemora-se, este ano, sob o patrocínio da UNESCO, o aniversário de dez anos de morte de Léon Damas, primeiro poeta negro moderno de expressão francesa. Estão previstos encontros acadêmicos, exposições de documentos e fotos, festivais de música e poesia na Guiana, nas Antilhas, nos Estados Unidos, na Europa e na África assim como um colóquio internacional a realizar-se em Paris, no final de novembro, sobre os seguintes temas:

- 1) Damas e a música; 2) Damas e o humor;
- 3) Damas e os escritores afro-americanos e
- 4) a poética de Damas.

A coincidência dessas homenagens, que constituem também uma revisão e uma reavaliação da obra e da influência do poeta guianense, com o centenário da Abolição no Brasil não deixa de ser significativa. Para a maioria do público leitor brasileiro, inclusive universitário, assim como para os movimentos negros do país, o nome de Damas é ainda quase desconhecido. Seus livros não foram traduzidos para o português e apenas alguns dos seus poemas foram publicados, aqui e ali, esparsos em revistas e suplementos literários. No entanto, Damas nos concerne: 1) visitou várias vezes o Brasil e interessou-se por sua realidade e produção a ponto de ter coletado material para uma antologia da poesia negra brasileira; 2) escreveu,

como etnólogo, sobre processos de aculturação e resistência na América; 3) participou, como intelectual, militante e político, das lutas pela descolonização das Caraíbas e da África; 4) refletiu, como Fanon, Césaire, Glissant, sobre alienação e neocolonialismo; 5) sobretudo, é um dos poetas importantes da América contemporânea e sua poética prende-se à reescritura da oralidade, uma das grandes vias da nossa poesia, de Manuel Bandeira a João Cabral, de Mário de Andrade a Drummond, de Jorge de Lima a Chico Buarque.

Pretendemos aqui fazer uma breve introdução à obra de Damas, citando alguns poemas e esboçando os aspectos mais importantes da sua temática e da sua poética. É sobretudo um convite à leitura. A cronologia da vida e da obra, no final, permitirá o leitor situar o poeta no tempo e no espaço, fornecendo ainda elementos bibliográficos.

Damas, num dos seus livros de poemas, **Black-Label** (1956), apresenta-se como mestiço de três raças numa terra de párias:

*À terra dos párias
um primeiro homem veio
à terra dos párias
um segundo homem veio
à terra dos párias
um terceiro homem veio*

Desde então

*Três rios
três rios correm
três rios correm nas minhas veias.
(Black-Label, Gallimard, p. 9) 2*

Nascido em Caiena (Guiana francesa) em 1912, Léon-Gontran Damas é um americano enfurecido, filho rebelde de uma burguesia mulata que se quer branca e européia. Viveu a lavagem de cérebro e a emasculação da vontade que constituíam a educação de um *pequeno-burguês de cabelo encarapinhado*, experiência traumática cujo horror expressará no poema **Hoquet** em que, num ritmo de acessos repetidos de vômito, parodia a ladainha mutiladora das interdições e das regras sem fim, que leva ao desastre individual e coletivo. Esse libelo contra uma educação só encontra paralelo, em outro nível, na evocação feita por Graciliano da *bárbara educação sertaneja* em **Infância**:

Solução

*Nem adianta engolir sete goles d'água
três a quatro vezes cada vinte e quatro horas
minha infância volta
num soluço sacudindo
meu instinto
como o tira a um vadio*

*Desastre
Falem do desastre
do desastre*

*Minha mãe desejando à mesa um filho de boas maneiras
As mãos em cima da mesa
não se corta pão
o pão se parte
não se esbanja pão
o pão de Deus
o pão do suor da frente do seu Pai
o pão do pão*

*Osso se come com jeito e discrição
um estômago deve ser sociável
e todo estômago sociável
abstém-se de arrotar
garfo não é palito
é proibido assoar-se
na frente
na frente de todo mundo
e depois fique ereto
nariz bem educado
não varre o prato*

*E depois e depois
e depois em nome do Pai
do Filho
do Espírito Santo
no fim de cada refeição*

*E depois e depois
e depois desastre
Falem do desastre
do desastre*

*Minha mãe desejando um filho primeiro lugar
Se a lição de História não estiver na ponta da língua
você não vai à missa
domingo
com a roupa de domingo.*

*Esse menino será a vergonha da família
Esse menino será nosso castigo de Deus*

*Cale a boca
Eu já não disse que é preciso falar francês
francês de França
francês como os franceses
francês francês.*

*Desastre
Falem do desastre
do desastre*

*Minha mãe desejando um filho
Digno filho de sua mãe*

*Você não cumprimentou a vizinha
outra vez de sapato sujo
se eu te pego de novo na rua
na várzea ou no gramado
à sombra do Monumento aos Mortos
brincando
brigando com aquele Fulano
aquele Fulano que nem sequer é batizado*

*Desastre
Falem do desastre
do desastre*

Minha mãe desejando um filho muito dó

*muito ré
muito mi
muito fá
muito sol
muito lá
muito si
muito dó
ré-mi-fá
sol-lá-si
dó*

*Soube que você faltou de novo
à aula de vi-o-li-no
Um banjo
você disse um banjo
como
um banjo
é isso mesmo que você disse
um banjo
Não Senhor*

fique sabendo que não se admite isso aqui

*nem ban
nem jo
nem viô
nem lã
mulato não faz isso
isso é coisa de negro*

(Pigments. Nevralgies, p. 35-38),
Em colaboração.

Órfão de mãe muito cedo, Damas é educado com disciplina por uma tia paterna (Man-Gabi) que vem a casar-se antes que o menino alcance a puberdade, trazendo-lhe assim um novo pai: sua experiência familiar exacerba, no fundo, num ser sensível marcado precocemente por várias perdas (da irmã gêmea, da mãe, da avó), a relação problemática de toda uma comunidade com a língua francesa — língua do Outro, do colonizador, do Pai ausente, cuja ideologia a mãe (adotiva no caso de Damas e que não é mãe, portanto) tenta inculcar. Até os seis anos, o menino recusa-se a falar.

Essa dificuldade de falar de alguns poetas caribenhos de língua francesa — Césaire foi gago até a idade adulta (é o descobrimento da cultura popular em Haiti onde passa seis meses no final da Segunda Guerra que lhe retira a trava da língua), o menino Damas faz-se mudo durante anos e gagueja sob emoção vida afora — está ligada, sem dúvida, ao desequilíbrio permanente provocado pelo viver em contexto de diglossia.

Diglossia não é bilingüismo. O termo, no sentido em que é empregado por lingüistas catalães e antilhanos, refere-se à coexistência, em determinado espaço de duas línguas com estatutos diferentes. Seus efeitos podem ser devastadores do ponto de vista psicológico, individual e coletivo. Como diz Damas: *Désastre/parlez-moi du désastre/parlez-m'en*. O confronto de duas línguas, no caso, o francês e o crioulo — uma, escrita, imposta pela escola e de grande prestígio cultural; outra, oral, desqualificada do ponto de vista ideológico mas próxima ao coração porque língua do cotidiano familiar e afetivo provoca como que uma cisão da personalidade, analisada por Fanon em *Peau noire, masques blancs* e por Glissant em *Discours antillais*. Em verdade, o caribenho de língua francesa (das ilhas: Martinica, Guadalupe; do continente:

Guiana) está *entre* duas línguas: uma que, no momento atual, por carência de função social, entra em processo acelerado de folclorização e deixa de ser uma língua de produção; outra que, por excesso de respeito, ainda não foi *devorada* num processo sadio de antropofagia a exemplo do português no Brasil ou do espanhol em Cuba ou no México.

A criação literária em contexto de diglossia é sempre problemática, qualquer que seja a língua que se escolha. No caso de Damas — como no de Césaire, Glissant, Roumain, Depestre etc. — a escolha recai sobre o francês, língua do Outro, a ser conquistada e transformada para expressar uma nova realidade. Não nos cabe aqui analisar minuciosamente as condições e consequências dessa opção. Já sugerimos que, para além da audiência internacional, a estratégia de passar, conscientemente e sem mimetismo alienante, pelo francês, comporta vantagens outras ou, melhor, um *ganho*, que um brasileiro, à vontade na sua língua, muitas vezes não avalia de imediato: reconhecimento do multilingüismo caribenho, o colonizado assumindo a totalidade da sua herança; desafio aos interditos sociais veiculados pela língua materna; exploração das possibilidades da escritura; distanciamento crítico graças ao exílio físico ou interior; deciframento de um imaginário numa perspectiva comparatista; visão de fora sobre sua própria cultura através de uma língua de empréstimo. Há sobretudo uma outra vantagem: a de reconquistar, por intermédio da língua do Outro, um *uso* em vias de desaparecimento na língua materna, uso que estava na base de um pacto secreto, cimento da coletividade. E o segredo aqui reside na *reescritura* da oralidade tradicional, elemento fundamental em toda a criação antilhana em inglês, espanhol, francês ou holandês.

Mas fechemos esse parêntese sobre a diglossia.

Já em ruptura com a família, Damas, aos 12 anos, parte de Caiena para estudar no Liceu Schoelcher em Fort-de-France, na Martinica. É a primeira separação do seu meio familiar paterno para viver em outra colônia francesa que — tragicomédia da colonização — se julga “mais civilizada” e “mais adiantada” que a Guiana natal marcada ainda pela imagem de colônia de trabalhos forçados. Em 1928, com 16 anos, Damas embarca para a França onde termina o secundário e leva a vida difícil do mulato guianense, cidadão francês de segunda categoria, intelectual de esquerda, filho desclassificado de família burguesa. Em Paris, estuda direito, línguas orientais, etnografia; faz trabalhos humildes para ganhar a vida (carregador de mercado, barman, operário) quando não está desempregado; milita e escreve em jornais e revistas. Reencontra seu discípulo Césaire. Funda com este e com Senghor a revista *L'Étudiant noir* (1935).

Jacques Howlett apresenta assim a obra de Damas:

Na poesia, como na vida, L. — G. Damas dá o testemunho de uma humanidade exposta, nervosa, inquieta, queimada pela existência. Poesia quente, aparentada com o sopro livre do jazz, nascendo do encontro brutal ou terno do ser com os acontecimentos do mundo (...) Próxima das cotidianas e tão humanas palavras da revolta e da dádiva, essa poesia aberta escapa ao cálculo e à complacência, pratica o distanciamento do humor, dispensa também as garantias semioficiais das escolas (...) Há uma solidão de Damas, que não é apenas literária, é também a do clamor negro no mundo da opressão. Há um calor humano de Damas, que não é apenas mundano, é o dos homens negros impondo sua humanidade à branca frieza dos antigos senhores.

Cronologia da vida e da obra de Léon-Gontran Damas	1848	— 17 de julho: Nascimento de Bathilde Damas, filha de Joséphine Damas (mestiça de índio com negro, descendente dos Bâ); é a avó paterna de Léon-Gontran Damas.	1866	— 10 de outubro: Bathilde Damas dá à luz Ernst Damas, em Caiena, pai de Léon Damas.	1912	— 28 de março: Nascimento em Caiena, de Léon Damas e de uma irmã gêmea, Gabrielle, que morre pequena ainda. Léon tem quatro irmãos mais velhos (Joseph, Henriette, Edith, Geneviève). Seu pai é funcionário.	1914	— Morte da avó paterna, Bathilde Damas. Grande emoção ao ver o fechamento e a saída do caixão.
	1859	— Nascimento de Elisabeth Félicie Damas, irmã de Bathilde	1878	— 25 de dezembro: Nascimento, na Martinica, de Marie Aline, mãe de Léon Damas.	1913	— Morte da mãe, Marie Aline: o menino e seus irmãos são entregues aos cuidados da tia Gabrielle Damas, em verdade prima do pai (Man-Gabi). Educação severa. Infância triste: o menino, de saúde frágil, tem acessos de asma e não fala até os 6 anos.	1919	— Léon Damas entra para a escola primária em Caiena.
			1880	— 13 de julho: Elisabeth Félicie Damas dá à luz Gabrielle Joséphine Damas, mãe adotiva de Damas (Man-Gabi).			1921	— Man-Gabi casa-se com René Resse. — René Maran, autor de <i>Batouala</i> , verdadeiro romance negro, recebe o prêmio Goncourt em Paris.
							1922	— Maurice Delafosse publica <i>Les noirs d'Afrique</i> (Payot)
							1924	— Desentendendo-se com René Resse, Léon Damas é enviado para a Martinica. Em Fort-de-France frequenta o Liceu Victor Schoelcher onde vem a conhecer Aimé Césaire.

Damas faz-se conhecer inicialmente por sua obra *Pigments* (o título é revelador), de 1937. O livro publicado em Paris, com prefácio de Robert Desnos, é recolhido e proibido, em 1939, em nome da segurança do Estado: o poeta diante da guerra que se anuncia, recusa o espírito militarista francês e alemão, denuncia a lavagem cerebral que campeia nas colônias e as faz viver — e as prepara para morrer — pela história (ou pelas histórias) dos Outros:

Num cartão postal

Vá lá que cada canto recanto de França seja

um Monumento aos Mortos

Vá lá que a infância branca cresça à sua sombra memorável verdadeira lavagem cerebral por uma revanche

Vá lá que o cretino do Alemão jure arrancar a pele do Francês e dela fazer um tapete de beira de cama

Vá lá que o cretino do Francês jure arrancar a pele do Alemão e dela fazer um tapete de beira de cama

Vá lá para todo ardor patriótico regado à cerveja preta e ao pernod gaulês mas que boa dinamite fará explodir à noite os monumentos como cogumelos que também crescem na minha terra

(*Pigments*, *ibid.*, p. 77)

O escândalo estoura, sobretudo, por causa de um poema intitulado prosaicamente *Et caetera*. Ao ler nos jornais um telegrama de *inefectível* apoio e solidariedade dos ex-combatentes senegaleses ao governo francês ameaçado pela subida do hitlerismo, Damas reage com um poema, insolente e paródico. A recitação irônica dos chavões da 1ª Guerra Mundial revitalizados pela propaganda oficial francesa (os Alemães voltam a ser chamados de Boches), a reescritura de um hino guerreiro romântico (“Sur les bords du Rhin”), o ressurgimento do racismo endêmico contra os negros, a recusa de ver os africanos servirem de bucha do canhão mas também de “polícia” para outros negros (como mais tarde, no espelho, foram os senegaleses e os antilhanos — da Martinica, Guadalupe e Guiana — usados como tropas francesas de repressão na guerra da Argélia ⁶) cria um texto polêmico, arrasador. Na realidade, dialeticamente, o que Damas denuncia é a tolice dos colonizados em servirem seus colonizadores: quando sugere que os Senegaleses comecem por invadir o Senegal, Damas faz apelo às tropas militares treinadas pelos franceses que ocupe o seu próprio país e assegurem sua independência. A frase vulgar *je leur demande de foutre aux Boches la paix* deve ser compreendida nesse contexto ⁷.

Et Caetera

Diante da ameaça alemã, os Ex-Combatentes Senegaleses endereçam um cabograma de ineffectível fidelidade.
(os Jornais)

Aos Ex-Combatentes Senegaleses aos futuros Combatentes Senegaleses a tudo o que o Senegal pode parir de futuros ex-combatentes senegaleses de futuros ex-metidos de futuros ex-mercenários de pensionistas de galonados de condecorados de arrebatados de grandes feridos de mutilados de calcinados de gangrenados de caras quebradas de braços cortados de intoxicados e patati e patatá de ex-futuros etc.

Quanto a mim lhes digo merda e outras coisas mais

E lhes peço guardem os facões os acessos de sadismo o sentimento a sensação de sujeiras e sacanagens a fazer

Eu lhes peço calem a necessidade que sentem de pilhar roubar violar macular de novo as margens antigas do Reno

Eu lhes peço comecem por invadir o Senegal Eu lhes peço aos Boches deixem de encher o saco.
(*Pigments*, *ibid.*, p.79-80)

1928 — Rebelião em Caiena por ocasião da morte de Jean Galmot.

1929 — Damas, aos 16 anos, parte para a França para estudar. Termina o secundário no Colégio de Meaux. Instala-se a seguir em Paris.

1932 — Gaston Monnerville, que defendera, em março de 1931, os amotinados de Caiena por ocasião da morte de Jean Galmot, é eleito deputado pela Guiana na Assembleia Nacional Francesa.
— A situação financeira, na Europa, é angustiante.
— Reencontro de Damas e Césaire em Paris como estudantes. Damas inscreve-se ao mesmo tempo na Faculdade de Direito e no Instituto de Etnologia (Museu do Homem) apesar de levar uma vida difícil depois que sua família não mais lhe envia dinheiro, trabalhando como carregador de mercado, operário, barman.

1933 — Morte do pai transferido para a Normandia, sem que Damas possa assistir ao seu enterro.

1934 — 1º de setembro: Marcel More apresenta “Les poèmes de Léon Damas” na revista *Esprit*.
— Morte de Man-Gabi de uma crise cardíaca durante uma procissão religiosa.

1935 — Fundação da revista *L’Etudiant noir* em Paris por L. G. Damas, L. S. Senghor e A. Césaire. A palavra negritude é empregada pela primeira vez por Césaire num artigo dessa revista.

1936 — A editora Gallimard publica, em tradução francesa, *Histoire de la civilisation africaine*, do alemão Frobenius.

1937 — 20 de abril: Damas publica *Pigments*, livro de poemas (ed. Guy Levis-Mano), com prefácio de Robert Desnos que sublinha: *Damas é negro e faz questão de sua qualidade e de seu estado de negro. Edição de 500 exemplares paga graças a uma subscrição de amigos.*

1938 — Damas publica *Retour de Guyane* (José Corti), ao mesmo tempo estudo e reportagem, fruto de uma missão etnográfica na Guiana realizada para o Museu do Homem, de Paris. Boa parte da tiragem é comprada pela administração da Guiana para retirar o livro de circulação. Damas aí aborda em particular dois temas: a resistência dos negros quilombolas na Guiana (Djukas, Bonis, Saramakas); a busca da assimilação das populações da Martinica, Guadalupe e Guiana.

— A França e seus antigos aliados deixam a Alemanha anexar a Áustria e a região dos Sudetos.

1939 — Publicação, na revista *Volontés*, da primeira versão do poema de Césaire, *Cahier d’un retour au pays natal*. Césaire e sua mulher, pouco antes da guerra, retornam à Martinica onde fundam, juntamente com René Ménil, a revista *Tropiques* (1941-1945)

— O governo francês censura e proíbe *Pigments*.
— A Alemanha anexa a Tchecoslováquia e penetra na Polónia

1940 — A França e a Inglaterra declaram guerra ao Reich cujas tropas invadem a França em maio.

1942 — Os Aliados desembarcam na África do Norte, em novembro.

1943 — Damas publica uma antologia de contos populares guianenses, *Veillées noires* (Ed. Stock)

Mas Damas é sobretudo o poeta do homem dividido, do corpo em pedaços no desconforto da roupa que não lhe serve e na qual se sente ridículo (metáfora freqüente do mal-estar existencial), da dificuldade de falar, da contradição do ser negro-francês-americano buscando seu passado africano, não perdido à maneira de Proust, mas disperso no tempo e no espaço porque dele só se têm traços confusos e vestígios apagados. Num dos seus mais belos poemas, com o nome estranho **Limbé** (aparentemente: **Limbad**, isto é, reduzido ao limbo, ao não-ser, estágio neutro dos que não nasceram ou não viveram; na verdade: palavra crioula de origem bantu, próxima a **banzo**, tristeza), Damas expressa a tentativa, frustrada, de reencontrar, por meio do brincar de faz-de-conta com suas "bonecas negras", a ingenuidade do instinto primitivo e a incerteza do espaço cultural africano, destruindo o *spleen* do homem moderno e a relação sadomasoquista de mendicância com a cultura branca.

Banzo

*Me devolvam minhas bonecas negras
que elas dissipem
a imagem das pálidas putas
mercantes de amor que vão vêm
no bulevar do meu tédio*

*Me devolvam minhas bonecas negras
que elas dissipem
a imagem sempiterna
a imagem alucinante
de fantoches bundudos empilhados
o vento me traz ao nariz
sua miséria misericórdia*

*Me dêem a ilusão de que não terei
mais de contentar
o imóvel desejo à mostra
de misericórdias roncando
sob o inconsciente desdém do mundo*

*Me devolvam minhas bonecas negras
que eu brinque com elas
os jogos ingênuos do meu instinto
à sombra de suas leis
redescobertas minha coragem
minha audácia
redescoberto eu mesmo
de novo eu mesmo
como ontem eu era
ontem*

*sem complexidade
ontem*

quando soou a hora do desenraizamento.

*Verão eles um dia o rancor do meu coração
aos olhos da minha desconfiança
abertos tarde demais roubaram o espaço que era meu*

*o costume
os dias
a vida
a canção
o ritmo
o esforço
o caminho
a água
a choça
a terra cinzenta enfumaçada
a sabedoria
as palavras
as palabres
os velhos
a cadência
as mãos
a medida
as mãos
as batidas dos pés
o chão*

*Me devolvam minhas bonecas negras
minhas bonecas negras
bonecas negras
negras
(Pigments. *ibid.*, p. 43-45)
Em colaboração*

Por outro lado, o passado a ser resgatado é também o passado vivido — sofrido — dentro de um sistema econômico, não por um indivíduo, mas por toda a coletividade. Em vários poemas de Damas afloram figuras humanas, captadas em traços elípticos, na sua dolorosa humanidade: o trompette de jazz, as mulheres em fila a caminho do mercado, os corpos exaustos que fazem andar a fazenda, o bom negro *que deita na sua enxerga dez a quinze horas de fábrica*, etc.

1948 — Janeiro: Damas elege-se deputado pela Guiana contra Edouard Gaumont (RPF), capitão do exército francês, de formação jurídica, comandante da infantaria colonial na Guiana há vários anos.

— Senghor publica *Hosties noires* (Seuil)

— Senghor publica sua *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*, com prefácio de J. P. Sartre, *Orphée noir*.

— Damas publica *Poèmes nègres sur des airs africains* (ed. Guy Levis-Mano), traduções de cantos recolhidos nas sociedades africanas tradicionais.

1949 — 8 de janeiro: Damas casa-se com a martinicana Isabelle Achille, filha de Louis Achille, seu antigo professor de inglês no Liceu Schoelcher.

— Fundação da UEG (União dos Estudantes Guianenses)

— Publicação de *Patois guyanais, essai de systématisation*, de Auguste Horth (impressa Paul Laporte)

1950 — Relatório de Damas sobre os distúrbios na Costa do Marfim, publicado, no ano seguinte, sob o título *Les incidents de Côte d'Ivoire*.

1944 — Desembarque dos Aliados na Normandia (6 de junho)

— 25 de agosto: libertação de Paris. Governo provisório presidido pelo General De Gaulle.

1946 — Fevereiro: Aimé Césaire, maire de Fort-de-France e deputado eleito pela Martinica pelo PCF, pede oficialmente a transformação das antigas colônias das Caraíbas em Départements d'Outre-Mer (literalmente: Departamentos de além-mar): donde a sigla DOMs.

— Novembro: René Jadfard elege-se deputado pela Guiana contra Gaston Monnerville. Damas, militante do Movimento de Renascimento Guianense (MRG), participa ativamente da campanha eleitoral.

— Publicação de *Nuits de Cachiri*, de René Jadfard.

1947 — Inaugura-se a IV República, em 1º de janeiro, com Vincent Auriol presidente.

— Damas publica a antologia *Poètes d'expression française* (Seuil)

— 8 de novembro: René Jadfard morre num acidente de aviação perto do rio Sinnamary.

— Primeiro número da revista *Présence Africaine*.

Mas a miséria individual e coletiva, o sofrimento nunca são expressos em termos melodramáticos ou enfáticos. Damas maneja sem cessar a paródia e a ironia; o ritmo ágil destrói o patético. A recusa do desenvolvimento retórico não diminui a tensão nem a consciência da alienação, surgidas pelo ritmo sempre fortemente marcado.

Assim, a relação da poesia de Damas com a música é fundamental. Música negra, ritmo de tambor, variações de *jazz*, solo de trompete abafado ou flauta mansa que ressoa nos "morros de rum". Roger Dorsinville, escritor haitiano radicado na África, escreve sobre Damas:

... que palavra reta como uma espada. Dançante no entanto como um feixe de luz dança no seu brilho. Com uma única mensagem: o povo negro. Profundamente sentido e expresso na diversidade do seu apelo, da imprecação ao pranto, do sarcasmo à prece (...) esse exilado, nascido na Guiana, encontrou para expressar o homem negro a voz mais autenticamente negra, inclusive os velhos procedimentos dos *griots*: a repetição, fundamento da compreensão, e o curso rigoroso e precisamente ritmado, fundamento do enraizamento do texto musical.

Mais adiante (*ibid.*, p. 33), Roger Dorsinville escreve:

Quem já ouviu o tantã nas suas variações sabe (...) que Damas (...) é de todos o maior músico. Inclusive nas inevitáveis modificações de registro e de instrumentos introduzidos no canto da diáspora...

Para exemplificar esse extraordinário sentido do ritmo musical, escolhemos alguns curtos poemas muito diversos: um centrado sobre o motivo irônico da *valsa*, que

reúne os temas da educação alienante e do racismo; outro, mais contido e denso, sobre o *mar*, presença obsedante no imaginário dos que viveram uma viagem de desenraizamento no ventre de um navio tumbeiro, mesmo quando o tema não é abordado explicitamente; o terceiro, enfim, que sugere a dor repetida de uma nevralgia pelo jogo lúdico de assonâncias.

Noite branca

Meus amigos a valsa
valsei como
nunca valsaram os Gauleses
meus antepassados
tanto e tanto que meu sangue
ainda rodopia
à vienense

Meus amigos a valsa
valsei toda a minha infância
vagando sobre
um Danúbio azul
Danúbio branco
Danúbio encarnado
Danúbio verde
Danúbio rosa
Danúbio branco
encarnado
verde
rosa
à escolha

Meus amigos valsei
valsei
loucamente valsei
tanto e tanto que
muita vez
pensei levar pela cintura
tio Gobineau
primo Adolfo
ou o bom ariano mascando sua velhice
num banco de jardim
(*Pigments*, *ibid.*, p. 57)

O vento

Sobre as ondas
noite escura
acordei
possuído
sem apreender nada
do que contava o vento
sobre as ondas
noite escura

Ou o vento recita a lição do amanhã
ou o vento canta tesouros afundados
ou o vento reza a prece da noite
ou o vento é uma cela de loucos
sobre as ondas
noite escura
enquanto o barco roça a espuma
e segue
segue seu fado a balançar
sobre as ondas
noite escura

(*Pigments*, *ibid.*, p. 29)
Em colaboração

Nevralgia

Nevralgia de uma bica que pinga
enche a moringa da minha criada
que um arco-íris aspira

Feché a nevralgia da bica que pinga
e enche a moringa da minha criada
que um arco-íris aspira

Tire da bica que pinga
a moringa da minha criada
que um arco-íris aspira

Ou corte do punho ao cotovelo
o arco-íris que aspira
a moringa da minha criada
que enche a nevralgia
de uma bica que pinga.

(*Pigments*, *ibid.*, p. 21)
Em colaboração

- 1951 — 17 de junho: Damas perde a eleição para deputado pela Guiana: seu principal opositor de 1948, Edouard Gaumont, vence.
- 1952 — Damas publica *Graffiti* (ed. Pierre Seghers), livro de poemas.
— Publicação de *Peau noire, masques blancs*, de F. Fanon
- 1953 — Divórcio do casal Damas.
— A Guiana inglesa acede à autonomia.
- 1954 — Damas trabalha no *Office de la coopération radiophonique*. Em emissões de rádio aborda o tema da negritude.
— O Suriname acede à autonomia interna.
— Novembro: Início da insurreição armada na Argélia. Envio de numerosas tropas francesas.
- 1955 — Publicação de *Discours sur le colonialisme*, de Césaire.
- 1956 — Justin Catayée funda o Partido Socialista Guianense (PSG)
— Aimé Césaire rompe com o PCF publicando *Lettre à Maurice Thorez*.
No seu prefácio ao livro de Daniel Guérin, *Les Antilles décolonisées*, Césaire destaca as contradições da lei de 1946 que assegurou a departamentalização das antigas colônias transformando-as em DOMs.
— A França reconhece a independência do Marrocos e da Tunísia.
— 19 a 22 de setembro: 1º Congresso de escritores e artistas negros em Paris (Sorbonne)
— Césaire apresenta a comunicação *Culture et colonisation*
— Damas publica *Black-Label* (Gallimard), livro de poemas distribuídos em 4 cantos.
— O General de Gaulle, chefe do governo. Um referendo aprova a V República na França.
— Senghor publica *Ethiopiennes*
— Glissant publica *Les Indes*
- 1958 — 2 de outubro: a Guiné diz não ao referendo e acede à independência.
— Dezembro: Justin Catayée elege-se deputado pela Guiana pelo PSG
— Criação da UPG (União Progressista Senegalesa)
— Publicação de Muntu, *l'homme africain et la culture néo-africaine*, de J. Jahn
- 1959 — Justin Catayée apresenta à Assembleia Nacional proposta de lei para um novo estatuto na Guiana.
— 2º Congresso dos escritores e artistas negros, em Roma.
- 1960 — Ano das independências da antiga África francesa: Costa do Marfim, Togo, Daomé, Senegal, Congo Drazaville, Camarões...
- 1961 — Congresso antilhano-guianense pela autonomia, em Paris
— Publicação de *Les damnés de la terre*, de F. Fanon
- 1962 — Março: Cessar fogo na Argélia, que se torna independente.
— Damas publica a edição definitiva de *Pigments*, com prefácio de Robert Goffin e desenho de Max Pinchinat (ed. Présence Africaine)
— Morte de Justin Catayée em acidente de avião na Guadalupe.
- 1963 — Publicação de *La tragédie du Roi Christophe*, de Césaire (ed. Présence Africaine).
- 1964 — Visita, em missão da UNESCO, o Brasil durante quatro meses. Conhece Marietta Campos por intermédio de Abdias do Nascimento. Assiste ao golpe militar. Deixa o Brasil em maio, indo para a Guiana e passando por Salvador, Recife, Belém.
— Glissant publica *Le Quatrième siècle* (Sueil)

Para melhor avaliar a importância de Damas no panorama da negritude, devemos considerar por um lado, sua função de precursor, e de outro, o contexto no qual se insere.

Sob muitos aspectos, Damas é precursor de tendências, abrindo caminhos trilhados a seguir por outros. Sua anterioridade como primeiro poeta negro de língua francesa lhe é reconhecida pelo próprio Césaire que afirma:

De Rimbaud, Mallarmé dizia: *passante considérable*.

De Léon-Gontran Damas, direi de certa forma o mesmo.

Considerável, porque vejo nele o primeiro poeta negro moderno, pelo menos considerando-se apenas o mundo francófono.

Claro, havia antes dele amáveis parnasianos, bons fabricantes de versos, êmulos mais ou menos hábeis de Hérédia ou de Lecomte de Lisle: mas mantenho que foi com Léon Damas que nasceu a moderna poesia negra.

E mais adiante (*ibid.*, p. 262):

É verdade que ele não teorizou, que não escreveu manifesto; mas toda a negritude está já na sua obra: o sentido trágico da História, a memória e o destino, a fidelidade ancestral e a esperança quase milenarista de uma libertação.

Damas é também precursor em outros campos: em 1938, publica *Retour de Guyane* (Corti), condenação acerca da colonização francesa, retomando, de certo modo, o texto de Gide, reveladora-

mente intitulado, *Retour du Congo* (de 1927) e anunciando o panfleto de Césaire, *Discours sur le colonialisme* (1955) e sobretudo o clássico *Peau noire, masques blancs* de Fanon (1952); em 1943, quando Aimé Césaire e René Menil se debruçam sobre a produção oral antilhana que virão a analisar, num ensaio publicado em *Tropiques*, como ciclo do medo, da fome e da miséria, Damas publica, em Paris, um conjunto de contos guianenses intitulado *Veillées noires*, obra não simplesmente de registro e de transcrição mas sobretudo de recriação da literatura oral através da invenção de uma narradora, Tétéche, figura mítica que representa a terra natal; em 1947, é o autor da primeira antologia de poetas negros de expressão francesa, anterior portanto à antologia de Senghor, do ano seguinte, esta universalmente difundida graças ao prefácio de Sartre, *Orphée noir*; em 1948, seus *Poèmes nègres sur des airs africains* se apresentavam como traduções de cantos de amor, de guerra, de luto ou de sátira, recolhidos nas sociedades africanas tradicionais, inaugurando o contraponto fecundo América/África retomado por Césaire em vários poemas e sobretudo a fusão da poesia com a música, também buscada por um Senghor ou um Birago Diop.

Dentro da poesia da negritude, campo hoje muito vasto e de contornos cada vez mais vagos, a poesia de Damas ganha ao ser lida no concerto de vozes desse *mar piohento de ilhas* que é o Mar das Caraíbas — Nicolás Guillén, Alejo Carpentier, Palés Matos, Claude Mac Kay, Césaire,

Glissant, Derek Walcott, René Depestre, poetas de Cuba, Porto Rico, Jamaica, Martinica, Haiti. Esse confronto, que revela a globalidade do fenômeno das literaturas antilhanas em diversas línguas como espaço de culturas novas e problemáticas, nascidas da mestiçagem e do sistema econômico das Plantações, permite não só destacar as grandes linhas temáticas como desvelar uma poética comum que se alimenta na fonte da oralidade tradicional.

Notas:

1. A tradução desses poemas foi feita, em 1985, para um número especial sobre poetas antilhanos a ser publicado pelos *Cadernos do CEF/Cahiers du CEF* (UFF).
2. *Black-Label*, Paris, Gallimard, 1956.
3. *Pigments. Névralgies*. Paris, Présence Africaine, 1972. É a esta edição que nos referimos nas notas seguintes.
4. Cf. *Etudes créoles*. Paris, 1985, vol. VIII, n's 1 e 2, p. 104 — 126; *Elos*. Porto Alegre, fevereiro 1987, n.º 6. ABPUF, p. 37 — 52.
5. Apresentação à edição de *Pigments* acima citada.
6. Damas antecipa, de um certo modo e do ponto de vista imaginário, a Fanon. Este, negro, martinicano, médico-chefe do hospital psiquiátrico francês de Blida na Argélia, atende, durante a guerra, a oficiais e soldados franceses com problemas por causa do seu trabalho de tortura a prisioneiros argelinos para obtenção de informações, pede demissão em 1956, descobre a lealdade entre colonizados e junta-se aos combatentes da Frente de Libertação Nacional (FLN). Até sua morte, em 1961, devota-se à revolução argelina. Dessa aventura, única, nasce o livro *Les damnés de la terre* (1961) que segue ao já clássico *Peau noire, masques blancs* (1952), análise do "mal" antilhano do ponto de vista psicanalítico.
7. Quando a 2ª Guerra Mundial se inicia, Damas, homem de esquerda, participa da Resistência à ocupação alemã.
8. "Parlez-moi d'un désastre", in *Hommage posthume à Léon-Gontran Damas*. Présence Africaine, 1979, volume que, a seguir, será referido por *Hommage*.
9. "Hommage de Césaire à Damas", in *Hommage*, p. 257.

Lilian Pestre de Almeida
Universidade Federal Fluminense

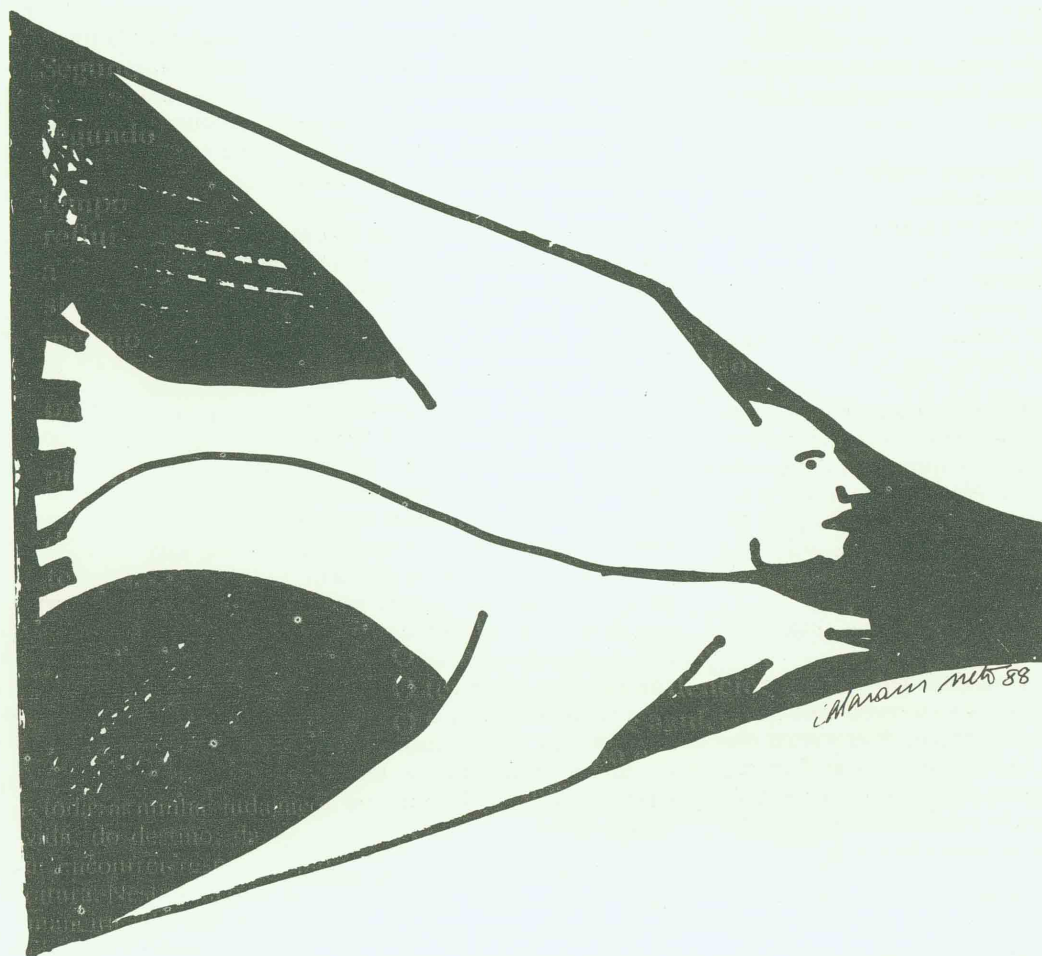
As traduções dos poemas *Hoquet*, *Limbe*, "Le vent" e *Névralgie* foram feitas em colaboração com *Marília Cruz Claramunt* em 1985.

- 1965 — Damas volta ao Brasil onde passa oito meses.
- 1966 — Abril: 1º Festival mundial das artes negras, em Dakar.
- Damas publica, em colaboração, a antologia *Nouvelle somme de poésie du monde noir* (ed. Présence Africaine), para a qual selecionou a maior parte dos poemas, sobretudo em inglês, espanhol, português e holandês.
- 29 de maio: a Guiana inglesa torna-se independente.
- Césaire publica *Une saison au Congo*, peça sobre a independência do Congo e a figura de Lumumba.
- Damas publica *Névralgies*, livro de poemas (ed. Présence Africaine)
- 1967 — 27 de setembro: Damas casa-se com Marietta Campos em Paris

- 1968 — Janeiro-março: Damas visita o Brasil com Marietta.
- Césaire publica *Une tempête*, reescritura da peça de Shakespeare.
- 1969 — Damas volta ao Brasil com Marietta.
- Damas recebe o prêmio das Caraíbas pelo conjunto de sua obra.
- 1º de dezembro: fundação do Foyer Léon Damas no Liceu Félix Éboué em Caiena.
- 1970 — Damas é "Distinguished visiting professor" na Universidade de Howard em Washington e diretor do Departamento de pesquisas de Literatura africana dessa universidade. A partir sobretudo dessa data, faz inúmeras conferências sobre sua obra e sobre negritude em universidades americanas.

- 1971 — 12-18 de abril: Colóquio sobre a Negritude em Dakar organizado sob os auspícios da União Progressista Senegalesa. Damas preside o colóquio.
- 1972 — Publicação de uma nova edição de *Veillées noires* (Montréal, Leméac) com um novo conto *Yanides-eaux*, anteriormente publicado na revista *Présence Africaine*.
- 1977 — Março: Damas é operado, em Washington, de um sarcoma canceroso sob a língua.
- Últimas viagens.
- 1978 — 22 de janeiro: Damas morre em Washington, de um câncer na garganta.
- Agosto-setembro: retorno das cinzas de Damas à Guiana depois de uma etapa de homenagem na Martinica, onde é saudado por Aimé Césaire.

Calasans Neto



Rua das Amoreiras, 9
Itapuã, 40.000
Salvador-Bahia — Telefone (071) 249-9024

COLECCIONE

LITOGRAVURAS • SERIGRAFIAS • XILOGRAVURAS • ESCULTURAS • OBJETOS

GRUPOS DE 10 PARTICIPANTES • 10 MESES SEM JUROS

UMA GRAVURA DE BRINDE EM CADA GRUPO • ARTISTAS NACIONAIS CONSAGRADOS

Associe-se a este clube e coleccione obras de arte em tiragens exclusivas.

Por um preço menor que o de mercado você adquire uma gravura já emoldurada do artista de sua escolha.

CLUBE DE ARTE EM SÉRIE

Av Presidente Vargas 2338 Loja 6 Salvador Praia Hotel Ondina 40160 Salvador BA Tel (071) 245 5033 R 500 e 235 0850

ATENDEMOS A TODO O ESTADO DA BAHIA

MANUSCRITA

Pensar que um poema,
além de existir, precisa ser escrito,
às vezes cala e trai sua sina.
Que ser mais que alma impressa
é viver no demais da vida,
fazer voltar ao banco da escola,
pela palavra que já foi vista
e chegar à forma imprimida.

A prática da poesia,
às vezes tanto dói que paralisa
e a esconde pura na memória.
Neste branco papel, espelha a lira
seus fantasmas de dor e glória
e como criança, rainha e ré
em seu silêncio,
paciente e inquieta espera ser lida um dia.

CONFORMIDADE

Aceito o cálice
que não me ofereces
e convivo com tua
eterna ausência.

O dia do entrever
já de novo se entrevou
e no vácuo
sinto tua latência.

E teço tua
tessitura na escrita
pondo-lhe a opacidade
que incide transparência.
E novamente não estás
onde te pus, e já sorris
adiante, em outra forma,
essência.

O mal não me pesa
nem na alma nem na asa.
O mal, não o sinto mau,
mas o reconheço (por amor)
O mal social me toca
mas não me desintegra:
não quero ser vítima
nem vencedora, individual.
E dividir a luz
para não dividir o pão
pois não sou a mão divina.
Faça cada qual seu pão
com o trigo que todos ceifam.

Luiza Vianna nasceu em Salvador, 1954. Formada em Letras, com
pós-graduação em Teoria da Literatura. Inédita.

Fundação Pedro Calmon

No belo prédio, em estilo neoclássico, conhecido como Palácio Rio Branco desde sua maior reformulação, em 1919, encravado na Praça Municipal — e já parte integrante da paisagem — funciona a Fundação Pedro Calmon — Centro de Memória da Bahia, criada em 1986, tendo como objetivos principais o recolhimento, a organização, a preservação e divulgação do acervo histórico e documental do estado, mas propondo-se também a participar de iniciativas culturais e artísticas, em suas diversas faces.

Para agilizar o seu funcionamento como núcleo aglutinador e distribuidor de cultura, a Fundação — em cujo andar térreo está sediado o Memorial dos Governadores Republicanos da Bahia, aberto à visitação pública — procura desenvolver programas que estimulem o elo museu/escola em todos os níveis e promover exposições permanentes ou temporárias sobre temas e assuntos vinculados à história política da Bahia, despertando o interesse e conhecimento do público sobretudo o baiano —, incentivando a pesquisa e colaborando no trabalho conjunto com outras entidades para a revitalização do Centro Histórico de Salvador. Através da Fundação, também são realizados cursos, seminários e simpósios, além de lançamento de livros.

Já para o segundo semestre deste ano, a Fundação Pedro Calmon estuda uma programação que será levada a efeito através de convênios firmados com a Fundação Casa de Jorge Amado e Museu Eugênio Teixeira Leal, que incluirá dois eventos dos mais importantes dentro do contexto histórico da Bahia o primeiro abordará o Ciclo do Cangaço, na sua revisão histórica; o segundo estudará a primeira década da Repú-

blica da Bahia, nos seus aspectos políticos, econômico, sociais e culturais (a chamada Primeira Década será dividida nesses quatro setores). De acordo com Afonso Maciel Neto, presidente da Fundação, esses temas foram escolhidos justamente por estarem antenados com o propósito maior da entidade, o de preservar nossa memória histórica — *tão rica e apaixonante — e a identidade cultural, pela própria natureza, já em si tão rica, dos estudos históricos.*

ARQUIVOS PRIVADOS

Entre as promoções mais significativas da Fundação até agora, Maciel destaca o curso sobre os 150 anos da Sabinada, que teve conferências de Luiz Viana Filho, Luís Henrique Dias Tavares e Lina Aras, e o lançamento do concurso de monografias sobre José Joaquim Seabra (o J. J. Seabra, duas vezes governador da Bahia), que será encerrado em novembro.

Ao contrário do Arquivo Público — que visa, especificamente, proteger os documentos produzidos por instituições públicas, a Fundação Pedro Calmon se propõe a recolher os arquivos privados, *um conjunto de documentos recebidos de familiares ou pessoas físicas, em decorrência de suas atividades específicas e que possuam uma relação orgânica e perceptível, através do processo de acumulação, e que se tornaram, como arquivos, de interesse público, explica o presidente da entidade.*

Para ele, trata-se de uma nova modalidade de arquivologia, que corresponde ao reconhecimento, pelo estado, da necessidade de se preservar documentos privados, mas que possuam interesse da comunidade, mais amplos, ou seja, *interesse público, devido às suas características ou forma de produção.* Maciel acrescenta que a Fundação procura evitar, de todas as maneiras, que ocorra o descaso verificado durante

longo tempo em relação a documentos particulares de grande valor histórico, muitos deles desaparecidos.

PEDRO CALMON

Criada pela lei 46/62, de 24 de abril de 1986, tendo adquirido personalidade jurídica, com registro de seu estatuto, em 11 de março de 1987, a Fundação Pedro Calmon — Centro de Memória da Bahia — ganhou esse nome em homenagem a Pedro Calmon. Historiador baiano com uma vida consagrada aos estudos, dedicando-se à pesquisa e publicação, à elucidação do passado da comunidade baiana, deixando mais de uma centena de obras, além de inúmeros artigos em revistas e jornais, conferências e discursos, e que ao lado das suas atividades como escritor, teve atuação destacada na advocacia, no magistério, no jornalismo, na política, ocupando sempre cargos de destaque, como o de reitor da Universidade do Brasil e de Ministro da Educação e Saúde. Além disso, Pedro Calmon foi deputado estadual, federal, presidiu o Instituto Geográfico e Histórico do Brasil — em sua administração foi construído o edifício-sede dessa instituição. Na avaliação de Afonso Maciel, ao ser criada a Fundação com o seu nome, o governo do estado prestou uma homenagem a um homem dos mais brilhantes de sua geração, e, talvez, neste século, o de palavra mais fácil e mais bela. Pedro Calmon faleceu no Rio de Janeiro, em 17 de junho de 1985, aos 82 anos.

PALÁCIO RIO BRANCO

O local em que funciona a Fundação foi, originariamente, Casa do Governo ou Casa Del Rey, construída em 1549, no primeiro governo geral do Brasil, de Thomé de Souza, para quem servia de residência e lugar de despachos. Inicialmente feita de taipa, em 1663 foi reconstruída em cal e pedra, por ordem de El Rey D. Afonso



VI. Em 1900, adquiriu o nome de Palácio do Governo, ganhando vários salões e salas em estilos renascentista, assiriano e bizantino, dentre outros. Depois de uma destruição, em 1912, de toda sua face leste, devido a um bombardeio ordenado pelo então governador, José Joaquim Seabra, foi reconstruído em 1919 pelo arquiteto Júlio Conti, que demoliu a fachada principal, sendo conhecido, a partir daí, como Palácio Rio Branco.

Passando por sucessivas modificações, nas décadas de 20, 30, 40, 70 e 80, o Palácio Rio Branco foi sede do Palácio dos Despachos dos governadores e em 1980 passou por uma ampliação interna, com a criação de um mezzanino de estrutura metálica. Em sua nova estrutura, o Palácio, que abriga a Fundação Pedro Calmon, tem funcionando, no antigo Salão de Despachos, no primeiro andar, a administração e a presidência da Fundação, servindo também como sala de reuniões, utilizando-se o próprio mobiliário restaurado. Desde o hall — onde a decoração, centrada no teto, mostra símbolos alusivos à História do Brasil e da Bahia —, passando pela escultura de Thomé de Souza, até chegar aos salões do primeiro andar, o edifício apresenta uma esmerada aparência. Há o Salão de Espelhos, no mais puro estilo Luís XV, e a Sala Pompeiana, que homenageia a extinta civilização de Pompéia.

O Salão Nobre, destinado a eventos como lançamentos de livros, é também utilizado para exposições de obras de autores relacionados com a história e a vida sócio-política da Bahia. A antiga Galeria dos Governadores foi ocupada pela biblioteca da Fundação, que está capacitada para acolher cerca de 500 volumes. No andar térreo do

Palácio está o auditório, com capacidade para 70 lugares. Mas é nas antigas salas de Espera e de Recepção que se encontra um dos setores mais importantes da atual Fundação: o Memorial dos Governadores, aberto, diariamente, à visitação pública, das 14 às 17 horas, de segunda a sexta-feira.

MEMÓRIA VIVA

Além do Conselho Curador e da Presidência, na Fundação Pedro Calmon há duas seções: a de Administração e Finanças e a de Pesquisa, na qual está inserida o Memorial dos Governadores da República, sob a direção da museóloga Glória Maria da Silva — uma espécie de museu com objetos particulares, de valor documental histórico e/ou sentimental.

Desde óculos, xícaras, cinzeiros, porta-cigarros até objetos de ouro, prata, brilhantes, cristais e porcelanas, — pertencentes a todos os governadores da Bahia —, passando por documentos de importância política, como o livro **Minha Vida Política**, de Juracy Magalhães, ou mesmo acessórios das Forças Armadas, como sabres, capacetes, medalhas e condecorações, no caso dos governantes militares (como o general Antônio Fernandes Dantas, para citar um exemplo).

A museóloga Glória Maria, no entanto, mais que aos objetos materiais, atribui grande significado, aos manuscritos da *mais alta importância histórica*, como a carta, da-

tada de 1889, de Manoel Vitorino ao também governador Virgílio Damásio, informando-o da sua decisão de assumir o governo, em seu lugar. No verso da carta, Virgílio responde, abdicando do poder, que o outro poderia assumir, *num verdadeiro desabafo em relação à conjuntura política da época*. Há também cartas patentes assinadas por Getúlio Vargas e o presidente Dutra. Glória chama a atenção para o fato de 90% do acervo do memorial serem doados, havendo apenas alguns documentos emprestados.

O setor de Pesquisas — ao qual pertence o Memorial — está voltado para as atividades museológicas e museográficas, incluindo aí, *como não poderia deixar de ser*, as pesquisas referentes ao acervo, que, além dos objetos e documentos, é constituído por fotografias e iconografias diversas. Segundo Glória, *há uma expectativa de se ativar mais essa seção*, para que os trabalhos de organização, — classificação e catalogação — dos documentos possam desta forma, se efetivar mais concretamente.

Clodoaldo Lobo é jornalista, sendo atualmente repórter de A Tarde.

Departamento de Pesquisa e Documentação

Em maio/junho foram realizadas as seguintes pesquisas: Paul Grote, da Alemanha Federal, sobre Jorge Amado e o romance Gabriela; Marcial Saanida, do Chile, Jorge Amado e fotos sobre a Bahia; e alunos da Faculdade de Turismo da Bahia; do 2º grau do Centro de Educação Santana do Cabula; e 2º grau da escola Técnica Federal da Bahia. Em suas atividades internas, o Departamento realizou levantamento de dados e seleção do material sobre Gabriela, como referência para a exposição comemorativa dos 30 anos deste romance.

PROGRAMAÇÃO

Em julho, dia 11, às 15 horas, tem início o curso "A Arte de Contar Histórias". São seis aulas, com a Profa. Maria Betty Coelho Silva, e nele será abordado a importância do contador de histórias, os valores do momento narrativo, a inferação de emoções, o envolvimento afetivo, o interesse que desperta desde a mais tenra idade o livro, até os recursos expressivos que a partir de um texto literário pode ser utilizado por outras linguagens artísticas. Este curso é uma promoção conjunta da Fundação Casa de Jorge Amado e da Fundação Cultural do Estado da Bahia, através da Divisão de Literatura Infanto-Juvenil.

Dia 12, às 14 horas, numa promoção conjunta da Fundação da Bahia, a Profa. Tania Penido reinicia a Oficina de História Oral, em sua 2ª etapa. Este curso tem por objetivo levar historiadores, estudantes e pesquisadores a desenvolverem trabalhos relacionados com a tradição oral, incluindo neste a produção de documentos e uma reflexão sobre os aspectos metodológicos desse tipo de pesquisa histórica.

Dia 20, a partir das 17 horas, na Academia de Letras da Bahia, numa promoção conjunta desta entidade, da Fundação Casa de Jorge Amado e da Associação Cultural Brasil-Japão do Estado da Bahia, será realizado um evento comemorativo aos 80 anos de imigração japonesa no Brasil, com a seguinte programação: Exposição Bibliográfica sobre o Japão; Exposição dos livros do escritor Jorge Amado em japonês; Conferência do acadêmico Oldegar Franco Vieira, Notícia da Poesia Japonesa; Leitura de textos do escritor Kawabata, Prêmio Nobel de Literatura; lançamento do livro O Japonês no Nordeste Agrário, de Waldemar Valente, editado pela Fundação Joaquim Nabuco; Coquetel comemorativo.

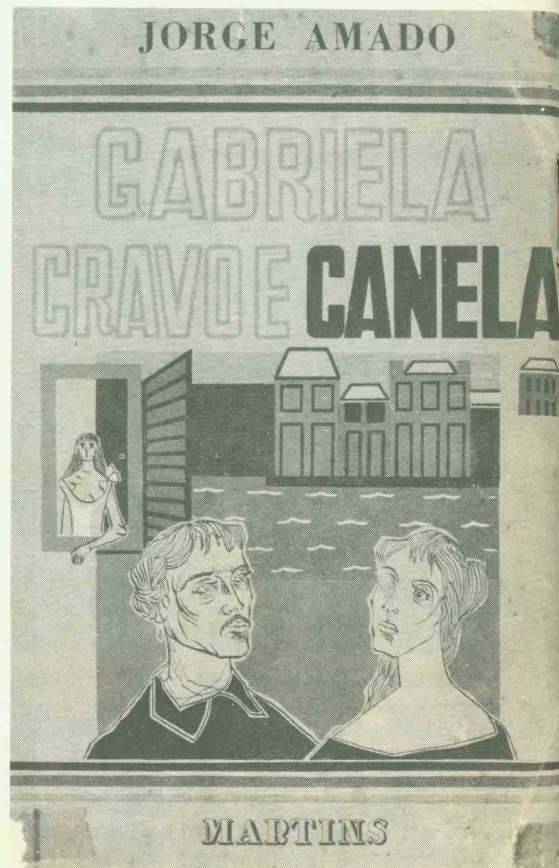
Dia 28, às 17 horas, o antropólogo Washington Queiróz realiza palestra sobre História de Vaqueiros, vivência e mitologia, com exibição de um audio-visual sobre o tema.

ZÉLIA GATTAI

Continuar as memórias iniciadas em ANARQUISTAS, GRACIAS A DEUS, UM CHAPEU NA VIAGEM e SENHORA DONA DO BALE.



Em agosto, dia 15, a partir das 17 horas, lançamento do novo livro de Zélia Gattai, Jardim de Inverno. Para Otto Lara Rezende, o leitor que já conhece as memórias de Zélia Gattai, de seus livros anteriores, a partir da revelação que foi Anarquistas, Gracias a Deus, pode estar certo de que este Jardim de Inverno é um reencontro que renova e amplia os encantos e as surpresas. É um livro deliciosamente obrigatório em todos os níveis. Basta ler para crer.



Dia 17, às 17 horas, no Shopping Iguatemi, abertura da exposição comemorativa dos 30 anos de publicação do romance Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado, com lançamento de um poster com desenho de Floriano Teixeira, do livro sobre Jorge Amado do autor francês Jean Roche, da 2ª edição do cordel Gabriela, de Manuel D'Almeida Filho, com capa em xilogravura de Calasans Neto, do nº 4 da Revista EXU; e da exposição iconográfica, Gabriela, Além do Romance.

Dias 18 e 19, das 9h30min às 12h e das 16 às 18h, na Academia de Letras da Bahia, Painel de Debates sobre Gabriela, Cravo e Canela, com os seguintes temas: A questão da tradução em Jorge Amado; Teoria da Tradução; A recepção estética da obra; e Agenciamento literário.

Dia 25, às 17 horas, na Fundação Casa de Jorge Amado, palestra do professor e historiador Luiz Henrique Dias Tavares, sobre Porque comércio proibido de escravos.

A Fundação Casa de Jorge Amado está aberta ao público, com exposição do acervo documental e artístico do escritor Jorge Amado, de segunda a sexta das 9 às 18 horas.

Caderneta da Caixa

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Esta é a maior, melhor e mais segura caderneta de poupança do País.



UMA COISA É TER AÇÕES.



OUTRA É TER BRB-AÇÕES.

Comprar na baixa e vender na alta. Na prática, essa teoria é outra. Só

quem respira o ar do sofisticado mundo dos negócios o ano todo é capaz de prever as tendências que podem jogar para baixo, hoje, uma ação que ontem estava lá em cima. Os operadores do BRB fazem isso há 20 anos. Quando entra para um Fundo de Ações, você sente o gostinho de ser

BRB AÇÕES

sobrenome ilustre. No mundo dos negócios, nada mais ilustre que dinheiro. E dinheiro não tem sobrenome. Com apenas Cz\$ 10 mil você abre uma conta BRB-AÇÕES em qualquer agência do Banco de Brasília. A conta pode ser movimentada por telefone.

sócio das maiores empresas do país. Nem por isso você precisa ter

A cotação do BRB-AÇÕES é publicada diariamente nos jornais de grande circulação. E isso não é tudo: os investidores pessoas físicas estão isentos do Imposto de Renda.

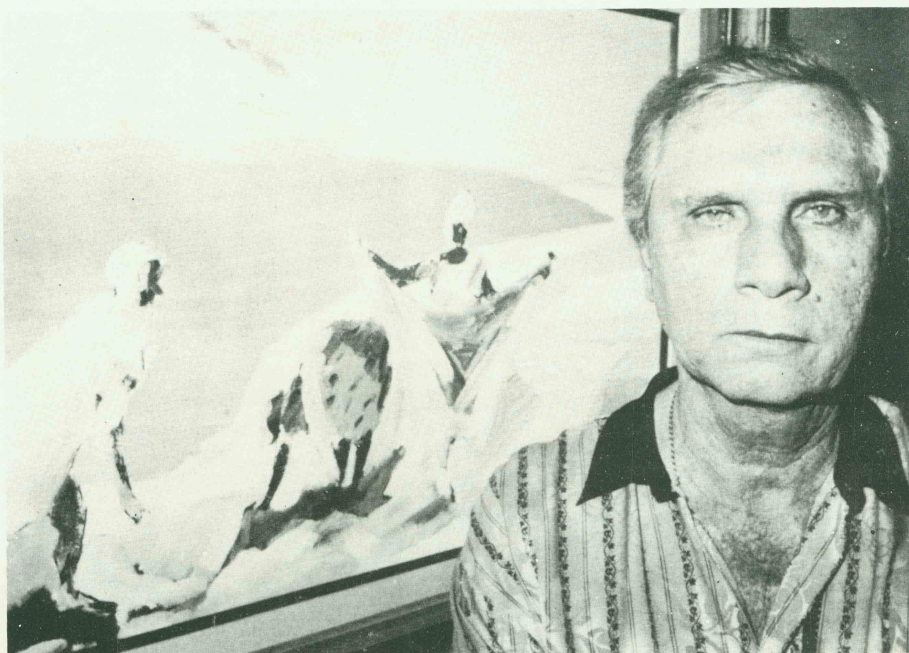
Na hora de investir, prefira ações. Na hora de escolher um Fundo, prefira BRB-AÇÕES. Um sócio como você as grandes empresas esperam de portas abertas.

BRB
BANCO DE BRASÍLIA



*Minha constância
é a Bahia e o Nordeste.*

A Bahia pelo lado lírico, o Nordeste pelo trágico. Mas a Bahia é o meu maior motivo. Tenho um apego e fascinação às coisas da Bahia. É a cidade que vivi durante 34 anos, a cidade que eu amo. Esta declaração é de Jenner Augusto, artista plástico, nascido a 11 de novembro de 1924, em Aracaju, e um dos renovadores da arte baiana quando em 1949 passou a morar em Salvador, integrando-se a um movimento de modernidade na vida cultural baiana.



Jenner, artista autodidata fala com carinho deste período em que chegou na Bahia, ele que desde muito jovem, pintando anúncios para cinema, faixas e cartazes comemorativos, fez seu começo, e que em 1945 realizou sua primeira exposição individual. Mas são quatro anos depois o que considera um marco na sua trajetória — a pintura decorativa do Bar Cacique, em Aracaju, onde apesar da influência de Portinari, foi uma manifestação pioneira da arte moderna em Sergipe, substituindo-se os padrões acadêmicos pela perspectiva moderna. Mas é ainda em 49 que vem morar na Bahia. Aqui, integra o grupo que renova a arte baiana. O acontecimento maior desta renovação foram Mário Cravo, Carlos Bastos e Genaro de Carvalho. Com a viagem para o exterior dos dois últimos, ficou Mário e foi ele quem liderou todo o movimento que deu prosseguimento ao lançamento da arte contemporânea na Bahia. No seu ateliê, onde hoje é o Grande Hotel da Barra, ele abrigava todo sujeito que tinha talento para a pintura, para a arte. Foi um momento mágico. Mas, além disto, tivemos apoio de jornalistas, de arquitetos, e do governo através de Anísio Teixeira. Foi uma conjunção de pessoas e de circunstâncias.

Na Bahia, Jenner integra mostras — Novos Artistas Baianos —, realiza individuais — Galeria Oxumaré (1952) —, participa do I Salão Baiano de Belas Artes, executa o painel *Evolução do Homem* no Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Daqui sai para o Rio de Janeiro — Salão Nacional de Arte Moderna e exposição em galerias de São Paulo. Hoje, com mostras em quase todos os estados brasileiros, e no exterior — Estados Unidos, Espanha, Alemanha, Itália, Portugal, Bélgica —, a sua obra merece sala especial na I Bienal Nacional de Artes Plásticas e três livros. Currículo à parte, é importante nesta sua trajetória artística sua participação no campo da abstração em 1958, e a volta ao figurativismo com o tema sobre Alagados, bairro de Salvador. *O Alagados, aquela fase, foi onde transformei aquela miséria, aquela rusticidade, aquela pobreza numa coisa bonita. O Alagados era planos abstratos, mas sem esquecer que existiam seres humanos ali. Era uma pintura de conotação social, onde o tema era um pretexto, pois a minha pretensão ia bem além. Posso dizer, sem modéstia,*

que descoori o Alagados, pois muito pouco se falava nele naquela época. Era a denúncia de um fato social, um tema figurativo, uma preocupação abstracionista na arte. Eu gosto da pintura que diz sem dizer. Que insinua sem a preocupação de configurar demasiadamente aquilo que está pintando.

Mas a pintura de Jenner, considerada por ele atualmente como um expressionismo brutalista — *sou muito chegado à pintura expressionista. Para o meu temperamento, ela diz tudo* —, tem na cor um elemento preponderante, como visão de primeiro instante. *A minha cor decorre do estado de espírito que estou. As vezes, tento expressar uma figura, uma paisagem, com cores vibrantes. Já em outro estado, baixo as cores. São momentos na obra. Já o seu desenho, uma preocupação: Como é que alguém pode ir longe em artes plásticas se não sabe desenhar? O desenho é um arcabouço, a base. É a mesma coisa da estrutura de um prédio. Por melhor projetado que seja, tem de ter os cálculos. A base de tudo ainda é o desenho.*

A arte de Jenner tem em seu tema um dado de fundamental importância, sendo o Nordeste trágico ou uma Bahia lírica, já que no seu entender ela é fruto de sua vivência, uma interpretação e uma forma de contribuir para a vida de todos. Mas a emoção da denúncia, lirismo ou tragédia, apenas afirma ser ele um pintor que fala do que vive. *Eu não acredito que alguém possa interpretar bem um lugar se ele não vive, se ele não convive, se ele não tem um namoro, um amor por este lugar. Para mim, a pintura que não for assim, se torna superficial, e, neste particular, me acho bem à vontade para falar, porque com a Bahia tenho um relacionamento muito amoroso. É uma velha namorada que não acaba nunca. Não há outro lugar que tenha a sucessão de planos que o mar da Bahia oferece. É essa mutação de cores, essa aparência que o mar da Bahia tem de moça bonita que se veste a toda hora para ir a uma festa permanente. Essa leveza do mar, a riqueza de tons que nunca vi em parte alguma do mundo, já que os mares que eu vi por aí são mares pesados, mares que parecem caídos de uma placa monstruosa de chumbo. Eles não têm transparência. Posso estar morando no Rio, mas a minha temática fundamental é a Bahia.*

